



**UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE**

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Curso: Licenciatura em Sociologia

**“Falo para ele o que me apetece”: Um Estudo sobre a Satisfação Sexual entre as Mulheres
Casadas como forma de Empoderamento Sexual, Maputo 2021.**

Supervisor: Baltazar Muianga, PhD

Autora: Sheila Ludmila Costa Nhalissa

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para a Obtenção do
Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Novembro de 2021

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

“Falo para ele o que me apetece”: Um Estudo sobre a Satisfação Sexual entre as Mulheres Casadas como forma de Empoderamento Sexual, Maputo 2021.

Autora:

Sheila Ludmila Costa Nhalissa

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para a Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Novembro de 2021

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

“Falo para ele o que me apetece”: Um Estudo sobre a Satisfação Sexual entre as Mulheres Casadas como forma de Empoderamento Sexual, Maputo 2021.

Autora

Sheila Ludmila Costa Nhalissa

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para a Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane

Supervisor:

Baltazar Muianga, PhD (MA)

O júri

O presidente:

O supervisor:

O oponente:

Maputo, Novembro de 2021

Declaração de Honra

Eu, Sheila Ludmila Costa Nhalissa, declaro por minha honra que esta monografia apresentada em requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane, nunca foi apresentada parcial ou integralmente, em nenhuma instituição para a obtenção de qualquer grau académico. A mesma é resultado da minha pesquisa pessoal, sendo assim, indicadas nas citações e nas referências as fontes por mim utilizadas.

Maputo, Novembro de 2021

Sheila Ludmila Costa Nhalissa

Dedicatória

Aos meus pais pelo apoio e amor incondicional que têm me dado, principalmente por apoiarem sempre as minhas escolhas durante o trajecto estudantil, o meu muito obrigada por tudo! E as minhas irmãzinhas por serem a melhor fonte de inspiração sempre.

Agradecimentos

Agradeço à Deus todo-poderoso por nunca me deixar desfalecer, por sempre ouvir as minhas orações e por me mostrar o caminho certo a seguir durante o meu percurso estudantil ,e, não só, por não me deixar cair em tentações e por me permitir ser a pessoa que hoje sou, de coração o meu muito OBRIGADA.

Agradeço ao professor Baltazar Muianga por aceitar-me como supervisanda e por ser sempre presente em todas as etapas da elaboração do trabalho, por sempre procurar me mostrar o melhor a fazer, serei eternamente grata. O meu muito obrigada vai também a todos os professores do Departamento de Sociologia e aos meus colegas da turma de Sociologia 2017.

Aos meus *Brows*, nomeadamente: Diana Guiloviça; Helmano Mondlane; Leopoldina Macule; Morácia Canda e Neyde Dimande por serem meus colegas mais chegados, por terem compartilhado comigo todos os momentos felizes e de aflição na faculdade e principalmente pela amizade, *Unidos até ao Fim!* A minha Rosinha Banze do coração, por ser uma super maza amiga, obrigada por todas as directrizes sou profundamente agradecida, levar-te-ei por toda a vida. Agradeço ao Benildo Nhamir pelo apoio com o material didático e não só, pela preocupação que sempre demonstrou ter por mim.

Sou grata as minhas irmãs Cissa; Ayrine e Alaisa por me servirem de incentivo diário, por motivarem-me a querer ser sempre o melhor exemplo para vocês. Aos meus pais, Costa Ambrósio e Isa Maria pelo dom da vida, pela educação e por tudo que eles têm feito e farão por mim. A minha família no geral, também sou muito grata.

Agradeço as minhas amigas de longa data Denise (minha metade), Júlia (Didox); Zélia (Gazex); Virgínia (Baddy) e a todos os meus amigos em geral por sempre estarem comigo e por fazerem parte da minha, um beijo para vocês. Em especial, ao meu super amigo, do coração Luar Júnior que amo tanto, por ser a melhor companhia de todos os tempos e por me alegrar, sou grata pela motivação e por me transmitir confiança sempre, *manythanks!*

Por último e não menos importante, as mulheres que participaram da pesquisa, sou grata pela paciência, pelo empenho, pela atenção durante as entrevistas e acima de tudo, por tornaram esse trabalho uma realidade.

Resumo

No presente trabalho com o título “Falo para ele o que apetece”: Um Estudo sobre a Satisfação Sexual das Mulheres Casadas como forma de Empoderamento Sexual, Maputo. Tem com o objectivo compreender a satisfação sexual da mulher casada como forma de empoderamento sexual, partindo do princípio de que as mulheres atribuem um significado a sua satisfação sexual, uma vez que a mesma pauta-se de estratégias para alcançá-la. Para a elaboração desse trabalho, foi usada a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, onde consideramos que o modo como as mulheres concebem a sua satisfação sexual influencia no seu comportamento e atitudes durante as relações sexuais e na vida conjugal, tendo em conta o contexto em que a mesma se encontra. Tivemos como abordagem qualitativa, como técnica de recolha de dados a entrevista semi-estruturada e como técnica de análise de dados a análise de conteúdo, com uma amostra de quinze (15) entrevistadas residentes em Maputo. Percebeu-se que as mulheres representam a satisfação sexual de formas distintas, tendo em conta as suas experiências dentro das relações conjugais, o que influenciou para a atribuição de um papel ao seu parceiro no acto sexual e posterior comportamento durante as práticas sexuais que as permitia falar abertamente da sua vida sexual, tomar iniciativa para o início da relação sexual, a busca pela satisfação sexual e a negação do contacto sexual, tendo em conta a abordagem trazida sobre a satisfação sexual, entretanto, não era uma atitude ou comportamento de todas as mulheres, pois nem todas são empoderadas sexualmente.

Palavras-chave: *sistema patriarcal, satisfação sexual, empoderamento sexual, relação conjugal.*

Abstract

In the present work entitled “ I tell to him what I want”: A study on the sexual satisfaction of married women as a form of sexual empowerment, Maputo. Its objective is to understand the sexual satisfaction of married women as a form of sexual empowerment, based on the principle that women attribute a meaning to sexual satisfaction, since it is guided by strategies to achieve it. For the elaboration of this work, Serge Moscovici’s theory of social representations was used, where we consider that the way women conceive their sexual satisfaction influences their behavior and attitudes in marital life, taking into account the context in which it is found. We had as a qualitative approach and as a data collection technique the semi-structured interview and as a data analysis, with a sample of fifteen (15) interviewees residing in Maputo. It was noticed that women represent sexual satisfaction in different ways, taking into account their experiences within marital relationships, which influenced the attributing of role to their partner in sexual thinking and subsequent behavior during sexual practices that allowed them to talk openly about their sex life, take the initiative to the beginning of sexual satisfaction and the denial of sexual contact, however, was not an attitude or behavior of all women, as not all of them are sexually empowered.

Keywords: *patriarchal system, sexual satisfaction, sexual empowerment, marital relationship.*

Índice

Declaração de Honra.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
Introdução	1
Capítulo 1. Da Revisão de Literatura à Elaboração do Problema de Pesquisa.....	6
1.1 Perspectiva do Patriarcado.....	6
1.2. Perspectiva Religiosa.....	10
Capítulo 2. Enquadramento Teórico e Conceptual	15
2.1 Quadro Teórico	15
2.2. Quadro Conceptual	17
2.2.1.Relação Conjugal.....	17
2.2.2.Satisfação Sexual.....	18
2.2.3.Emponderamento Sexual.....	19
Capítulo 3. Enquadramento Metodológico.....	21
3.1. Método de Abordagem.....	21
3.2. Técnica de recolha de dados	21
3.3. Técnica de Amostragem.....	22
3.4. Técnica de análise de dados.....	22
3.5. Método de procedimento	22
3.6.População e Amostra.....	23
3.7. Questões éticas.....	23
3.8. Constrangimentos e Formas de Superação	24

Capítulo 4. Apresentação e Análise de dados	25
4.1. Perfil sócio-demográfico.....	25
4.2. Representações Sociais das mulheres casadas sobre sua satisfação sexual.....	26
4.2.1. Satisfação sexual como prazer da mulher casada.....	27
4.2.2. Orgasmo como o ápice da satisfação sexual	28
4.2.3. Satisfação sexual como “bem-estar” na relação sexual.....	29
4.2.4. Satisfação sexual como factor de união e fortalecimento da relação	30
4.2.5. Satisfação sexual como meio de fortalecimento da auto-estima	31
4.3. Influência da Satisfação sexual da mulher na vida conjugal	33
4.3.1. Satisfação mútua e Fortalecimento da relação conjugal.....	33
4.3.2. A satisfação sexual “um reforço” da intimidade do casal	35
4.4. Satisfação sexual das mulheres casadas como forma de emponderamento sexual	37
4.4.1. A voz feminina entre quatro paredes.....	37
4.4.2. A iniciativa feminina para o acto sexual	39
4.4.3. Reivindicação da satisfação no acto sexual.....	40
4.4.4. Negação das relações sexuais indesejadas.....	42
5. Considerações Finais	46
6. Referências Bibliográficas	49

Introdução

O presente trabalho como tema: “Falo para ele o que me apetece”: Um Estudo sobre a Satisfação Sexual das Mulheres Casadas como forma de Empoderamento Sexual, Maputo 2021, tem por intuito compreender as representações socialmente construídas acerca da satisfação sexual, num contexto de vida conjugal (homem e mulher), de modo que se entenda a forma como essas representações influenciam no comportamento delas dentro de suas relações conjugais.

A sexualidade sendo uma temática recorrente em diversos fóruns, muito dos seus aspectos ditam a moda e as cobranças sobre a mulher especialmente a partir da democratização de um olhar menos machista, admitindo e até esperando que ela demonstre desejo e alcance o orgasmo. Durante séculos de repressão as mulheres não puderam expressar ou demonstrar ou sequer imaginar o exercício de sua sexualidade, como o desejo ou o orgasmo, tantas vezes consagrados como actos pecaminosos, (Hampf, 2015).

Observa-se que durante séculos, o sexo para as mulheres era tido somente como forma de reprodução, não restando para elas outra função, sendo que grande parte delas não se dava conta do quanto isso a afectava e dessa maneira muitas mulheres culpavam-se por coisas que deveriam ser completamente normais. Todavia, é oportuno destacar que houve uma grande mudança nesse contexto com a entrada da mulher no mercado de trabalho, pois elas continuaram a conquistar lugares nos espaços públicos o que proporcionou questionamentos, reflexões e acesso a trocas de experiências que culminaram em transformações radicais e positivas, (Oliveira; Rezende; Gonçalves, 2008).

O exercício da sexualidade é algo complexo que envolve a prática dos genitais, experiências de aproximação, transmissão de sensações, entre outros. Implica ainda hábitos adquiridos, atitudes e, sobretudo, significados socialmente aprendidos, relacionados com a história de vida de cada indivíduo e sua maneira de internalizar as normas sociais, (Rangé, 2001 citado por Russo, 2019).

Temos a cultura e a sociedade que exercem um papel profundamente modelador da actividade sexual. Elas podem interferir negativa ou positivamente no desempenho erótico das pessoas, principalmente da mulher, através da repressão disseminada durante séculos e as informações dúbias que vigoram na sociedade, (Garcia, 2007). A vida sexual das mulheres, no decorrer da

história, esteve embasada em padrões morais, éticos, comportamentais, entre outros, que ensinavam as mulheres a viver em família, a zelar pelo lar, sendo encarregadas de cuidar da casa e dos filhos, (Oliveira; Rezende; Gonçalves, 2008).

Entretanto, a mulher mudou o seu comportamento, pois se queixa de não estar sexualmente satisfeita, além de exercer sua sexualidade basicamente sem impedimento, na maior parte do mundo ocidental, mas nem todas chegaram a atingir esse processo, (Hampf, 2015). Uma vez que a sexualidade é uma experiência individual regida por diferentes desejos e condutas que a torna um processo pessoal e natural, assim os adolescentes se assemelham aos adultos, pois desenvolvem as suas expectativas sexuais relativamente aos constrangimentos impostos pelos papéis e expectativas sociais que fazem parte do mundo em que se vive, (Nhancale, 2012).

A escolha do tema deriva do facto de ter maior abertura para falar de assuntos do fórum sexual nos grupos de pares e isso possibilitou presenciar desabafos de mulheres diversas e também despertar o interesse pela temática, buscando compreender as diferentes perspectivas das mulheres dentro do assunto. E por anseiar trabalhar com assuntos relativos à vida sexual, à sexualidade.

A temática trazida, sendo praticamente um tabu em Moçambique pelas doutrinas e culturas partilhadas, contribuirá na construção do saber em torno do assunto, trazendo a concepção das mulheres que são as mais constrangidas, e que com isso, as possibilite ganhar maior liberdade em se expor nos assuntos do fórum sexual, esperando que haja mais consciencialização por parte dos homens nesse processo, pois é uma relação à dois, em que o mesmo é beneficiado e a mulher aprisionada por alguns papéis sociais culturalmente definidos.

Foi motivado também pelo nosso desejo de enriquecer a literatura existente em torno do tema e, não só, abordando numa vertente sociológica, esperando que desse modo sirva de reflexão académica e científica numa vertente que busca captar os significados que as mulheres dão a sua satisfação sexual com vista a compreender as representações sociais das mesmas, de modo que se identifique as influências do contexto social e se perceba de que modo as influencia a viver a sua vida sexual na relação conjugal.

A pesquisa teve como foco as mulheres casadas oficial ou maritalmente, pois acreditava-se que fossem sexualmente activas por já terem experiências no campo sexual e viverem com os seus

parceiros. As entrevistadas têm as idades compreendidas entre os 18 aos 40 anos, e a amostra escolhida foi de 15 mulheres.

A pesquisa foi feita na Cidade metropolitana de Maputo onde há mulheres oriundas de vários pontos do país, facto este que ajudou a compreender melhor o fenómeno tendo em conta os vários contextos sociais e culturais existentes.

A discussão em torno da satisfação sexual da mulher é abordada tendo em conta duas perspectivas de acordo com o debate por nós iniciado, onde temos a visão do patriarcado que olha a satisfação sexual como algo primordial ao homem, ou seja era papel da mulher garantir a satisfação sexual do seu parceiro (Aruda et al, 2016; Silveira, 2019; Mialon, 2012; Russo, 2019; Garcia, 2007; Araújo, 2013; Kobayashi e Reis, 2015; Hampf, 2015 e Joffe e Levie-Ajayi,2009) e por outro lado temos a perspectiva religiosa que defende a tese de que a mulher deve ser submissa ao seu parceiro e que sentir prazer era algo indecente para as mulheres ditas para casar (Mossuz-Lavau, 2005; Del Priore, 2004; Zikan, 2005; Oliveira; Rezende; Gonçalves, 2008; Brito, 2019; Lima, 2010).

As duas perspectivas supracitadas não levam em conta o significado que a satisfação sexual tem para a mulher, pois, quando insatisfeita, vai em busca de relações extraconjugais, procura ajuda de profissionais especializados, ou ainda, pauta pelo uso de técnicas para prevenir a prática do sexo indesejado dentro de suas relações com vista a viver a vida sexual de forma mais livre, isso sem deixar de cumprir com seu papel de esposa construído socialmente.

Tendo em conta que as mulheres actualmente vão ganhando mais voz em torno da sua satisfação sexual ou da sua vida sexual, o argumento apresentado é de que na relação conjugal, a satisfação sexual, para as mulheres, apresenta-se como um modo de afirmação do empoderamento sexual face aos papéis sociais que são atribuídos a mesma no contexto de dominação masculina.

Temos como objectivo geral, *compreender a satisfação sexual das mulheres casadas como forma de emponderamento sexual*, e para alcançá-lo temos como objectivos específicos, *identificar o perfil socio-demográfico; descrever as representações sociais das mulheres casadas sobre sua satisfação sexual; identificar a influência da satisfação sexual da mulher casada na sua vida conjugal; e por fim, analisar a satisfação sexual das mulheres casadas como forma de emponderamento sexual.*

Em termos teóricos, optamos por apresentar a *Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici* que defende que as representações sociais por serem conhecimentos práticos que se desenvolvem nas relações do senso comum são formadas pelo conjunto de ideias da vida quotidiana construída nas relações estabelecidas entre os sujeitos, ou através de interações grupais que têm repercussões directas no comportamento dos indivíduos, nas atitudes e nos modos de agir, pois formam estruturas individuais de conhecimento, informando e orientando os membros de um grupo social, em determinado tempo e espaço, (Moscovici, 2003 citado por Estevam et al s/d).

Quanto aos procedimentos metodológicos, foi usado como método de abordagem a qualitativo que nos permitiu compreender as representações sociais das mulheres casadas sobre sua satisfação sexual, tendo em conta que essa abordagem possibilita entender a natureza do fenómeno social estudado de forma detalhada, captando os seus significados e características, e por sua vez, como técnica de recolha de dados optou-se pela entrevista semi-estruturada, pois possibilitou colher informações de forma mais detalhada, permitindo com que o entrevistado faça parte da pesquisa colaborando espontaneamente e relatando suas experiências.

Quanto à técnica de amostragem optou-se pela não probabilística, concretamente a amostragem intencional, uma vez que já se tinha conhecimento prévio dos sujeitos da pesquisa. Como método de procedimento optou-se pelo monográfico e para a análise de dados, usamos a análise de conteúdo. Os procedimentos éticos permitiram que as participantes estivessem a par dos objectivos por nós traçados com a pesquisa e, por fim, os constrangimentos e formas de superação no trabalho de campo.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiramente, temos o primeiro capítulo que diz respeito a revisão de literatura e a elaboração do problema de pesquisa; de seguida, no segundo capítulo apresentamos o quadro teórico, que nos serviu de guia para analisar e interpretar os dados e, ainda dentro do mesmo capítulo apresentamos os conceitos por nós usados. O terceiro capítulo trata do quadro metodológico que é composto pelo método de abordagem usado, técnica de recolha de dados, técnica de amostragem, método de procedimento, método de análise de conteúdo, os princípios éticos e os constrangimentos, bem como a sua forma de superação.

No quarto e último capítulo apresentamos a análise e discussão dos dados obtidos, nomeadamente: o perfil socio-demográfico; representações sociais das mulheres casadas sobre sua satisfação sexual; as influências da satisfação sexual da mulher na vida conjugal e satisfação sexual das mulheres como forma de emponderamento sexual. Por fim, temos as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos.

Capítulo 1. Da Revisão de Literatura à Elaboração do Problema de Pesquisa

Nesta secção, serão apresentadas as abordagens de alguns estudos feitos em torno da actividade sexual das mulheres, onde trazem aspectos convergentes e divergentes das perspectivas dos autores o que posteriormente culminará com a elaboração do problema de pesquisa. Na revisão de literatura analisada sobre a satisfação sexual da mulher, os estudos dos autores seguem duas abordagens que são a perspectiva do patriarcado e a perspectiva religiosa.

1.1 Perspectiva do Patriarcado

Nessa perspectiva, englobam-se estudos que defendem a ideia ou tese de que é dever da mulher garantir a satisfação sexual do seu parceiro primordialmente com vista a cumprir com o seu papel de esposa. É defendida pelos seguintes autores: Aruda et al (2016); Silveira (2019); Mialon (2012); Russo (2019); Garcia (2007); Araújo (2013); Kobayashi e Reis (2015), Hampf (2015) e Joffe e Levie-Ajayi (2009).

Nesse âmbito, Aruda et al (2016), no estudo sobre as representações sociais das relações sexuais numa vertente transgeracional entre mulheres, verificou que a representação social das relações sexuais ancora-se nos diversos aspectos que compõem a sexualidade humana e nos valores impostos pela nossa cultura e que mesmo com a modernidade, a concepção do acto sexual ainda é vista como parte do casamento pela meia-idade e pelas idosas em geral por terem vivido num sistema de patriarcado mais assente, bem como pela influência do catolicismo, mas também é percebida como uma prática relacionada ao amor, carinho, intimidade, (adolescentes e adultas).

No que se refere ao prazer na actividade sexual, as mulheres tinham um papel mais activo nas práticas sexuais e que sentir prazer também era importante junto ou não com a existência do sentimento em todas as gerações. As mulheres idosas entendem como relações sexuais unicamente a acção em que haja a penetração ou seja o acto sexual em si e que a mulher tem a obrigação de satisfazer o seu parceiro mesmo que não proporcione prazer a ela mesma.

No que tange à satisfação do companheiro como papel da mulher, Silveira (2019), no estudo da representação da sexualidade feminina, notou que grande parte das entrevistadas não sabiam como atingir o orgasmo e sentiam vergonha porque nunca haviam se tocado para atingi-lo, não sendo apenas as mulheres mais velhas, mas também jovens que ingressavam na vida adulta do

conhecimento do próprio corpo, pois carregavam estigmas e eram inculcadas ideias de que mulheres não se podiam masturbar com o intuito único de satisfazer o seu companheiro física ou psicologicamente, colocando assim suas vontades aprisionadas. E mesmo com os avanços que marcavam a época e com a expansão das informações, elas só eram donas do prazer quando conversavam com outras mulheres e quando viam que estavam sozinhas.

Quanto ao casamento, a sexualidade foi classificada como passiva uma vez que o homem era quem iniciava a abordagem e o clímax era determinado por ele, assim como o término da relação o que levou muitas mulheres a fuga ao sexo ou a busca do mesmo em relações extraconjugais, (Silveira, 2019).

Mialon (2012), num estudo sobre fingir orgasmos, afere que mulheres que se importam com o prazer sexual do seu parceiro são mais predispostas a fingir o prazer. Isso vai directamente ao encontro da ideia de que o carinho, ou o amor aumentam a probabilidade de fingimento uma vez que seu objectivo é de deixar seu parceiro satisfeito e a satisfação sexual da mulher é trocada por outro tipo de satisfação. Além disso, os conceitos de satisfação sexual são bem diferentes entre homens e mulheres.

Nas análises feitas por Aruda et al (2016) e Silveira (2019), constata-se que o sistema patriarcal era um inibidor da satisfação sexual da mulher uma vez que o papel transmitido a elas era o de satisfação primordial do seu parceiro e o casamento era um estado perfeito para que isso se materializasse. Mas, Aruda et al (2016), adiciona elementos que devem compôr a prática sexual que são os sentimentos como o amor, carinho, companheirismo, confiança e que mesmo nesse processo, todas as gerações afirmam que é essencial a presença do prazer e a prática sexual é entendida como o acto de penetrar pelas idosas.

De acordo com Russo (2019), as mulheres não têm tanta iniciativa e isso tem uma boa parcela de influência cultural, porque ela não se permite ainda tomar a iniciativa, acha que é o homem que deve ou simplesmente está acostumado. Isso é um comportamento subliminar que está no inconsciente, muito influenciado pela perpetuação dos papéis sexuais antagônicos de activos e passivos.

Elas querem ser femininas, sentir-se desejáveis/eróticas, querem estar em forma, só que na verdade não sabem como utilizar o corpo que tanto idealizam, trabalham e se esforçam para

conseguir. Não é um corpo preparado para a atividade sexual. Não solicita determinadas carícias, fica com receio ou vergonha. Frequentemente, a mulher vai aceitando o que vai acontecendo, muitas vezes sem uma participação pessoal, (Russo,2019).

Apresentando um outro ponto, Silveira (2019), traz a tona a masturbação ou seja as mulheres não se tocavam o que não lhes permitia conhecer o seu corpo, ensinamento que lhes era inculcado para legitimar a dominação masculina. E que por essa dominação, muitas das mulheres optavam por ter relações extraconjugais em busca de obter satisfação sexual o que mostrava a sua capacidade de manipulação mesmo seguindo os padrões sociais.

A abordagem trazida por Garcia (2007), aponta que as falas das mulheres indicavam que as mesmas ainda tinham dificuldades em se comunicar sobre a sua vida sexual, na medida que internalizavam os preconceitos de “boa moça” que incluem modelos de feminilidade e papéis sexuais reconhecidos na cultura como passividade e respeito ao desejo masculino, onde esses aspectos apresentam-se como a gênese da maioria dos problemas sexuais por elas vivenciados. E, na busca de soluções de seus problemas, algumas, conforme verificado no estudo, procuram ajuda de profissionais especializados.

Nessa perspectiva, verifica-se que se cria um estereótipo em torno do papel da mulher, do ser mulher que continua sendo fruto dos processos de socialização, onde prevalecem os desejos masculinos, mas diferente da estratégia usada pelas mulheres para obter satisfação sexual trazida por Silveira (2019), que são as relações extraconjugais que as mesmas têm, Garcia (2007), acrescenta que algumas mulheres procuram ajuda de profissionais especializados para lidar com os problemas de insatisfação sexual, não deixando de cumprir o papel que lhe é conferido pelo homem.

Analisando a vida sexual das mulheres que estão no climatério, Araújo (2013), constatou que no que se refere a prática das relações sexuais, as mulheres que ainda praticam relações sexuais na sua maioria o faziam de forma passiva, isso porque mantinham apenas com a finalidade única de satisfação do prazer sexual do homem. Estas mulheres acreditavam ser função e responsabilidade delas estar a serviço e desejo de seu companheiro. Esta representação ancora-se no papel histórico-cultural da mulher que foi e ainda é submissa ao contexto familiar, marcado pelos

valores patriarcais que têm como características a reprodução, a monogamia, a durabilidade da união e a harmonia.

O posicionamento do marido apresenta-se na visão da mulher indiferente pelo não entendimento dessa fase vivida por elas e são tratadas com grosseria e como objecto de desejo sexual. Desse modo, existiam as mulheres que por consequência disso não sentiam vontade e nem necessidade da prática sexual e em contradição, existiam as que nessa fase estavam descobrindo o prazer isso porque encontraram-se com parceiros mais novos, ou porque estavam estáveis financeiramente e por não se preocuparem mais com a possibilidade de engravidar, (Araújo, 2013).

As mulheres que de certa forma saíram do contexto de submissão, ou das vidas anteriores em que dominava a doutrina patriarcal, ganharam mais liberdade para exporem-se em torno da temática do prazer, reforçando a ideia de que a doutrina patriarcal é, ou se apresenta, como o elo denominador para a não satisfação sexual das mulheres.

Na análise feita por Kobayashi e Reis (2015), em torno da satisfação sexual de mulheres jovens, o resultado aponta que as mulheres não necessitam de alcançar o orgasmo para se sentirem satisfeitas sexualmente, mas ao mesmo tempo preferem alcançá-lo e a fiquem extremamente excitadas, afirmando que estão mais preocupadas com o prazer do parceiro do que com o seu próprio e acreditam a eles a responsabilidade sobre seu prazer. Peso embora haja uma dicotomia entre o alcançar ou não a satisfação sexual, a mulher mesmo que tenha que zelar por ele primeiro, acredita estar na responsabilidade dele garantir que ela se satisfaça. Nesse ponto, o autor acrescenta que a mulher na relação sexual incute um papel ao homem que é de satisfazê-la.

No estudo sobre os enfoques do orgasmo a partir de uma reflexão de diversos autores, Hampf (2015), conclui que o orgasmo é diferente para cada pessoa e também é variável de intensidade de acordo com o momento, o lugar e as circunstâncias de cada relação. Onde algumas mulheres podem ser orgásticas com uma pessoa que se sinta segura mesmo não gostando dele e pode não atingir o orgasmo pela pessoa a qual esteja apaixonada pela preocupação em satisfazê-lo e pelo medo do que seu parceiro irá pensar se expressarem-se livremente a quanto da sexualidade e em virtude da competição amorosa com outras mulheres.

Um outro ponto, embora inconclusivo por não se saber o contexto social das entrevistadas, apresentado por Joffe e Levie-Ajayi (2009), no estudo sobre as representações sociais do

orgasmo feminino, as mulheres entrevistadas sentem que seus orgasmos são importantes para o seu parceiro, pois constroem o orgasmo como um presente que os homens dão a elas e em troca, as mulheres oferecem seu corpo passivamente. Além disso, as mulheres representam o orgasmo como sendo o objectivo final do sexo, um ponto alto e romântico, o símbolo da feminilidade. A incapacidade de sentir o orgasmo é visto como o modo de inferioridade.

Nesse contexto, as mulheres têm uma representação do orgasmo, mas não olhando para elas em primeira instância, mas sim como algo que confere ao homem, e sendo para ela, apresenta-se como uma dádiva. Por outro lado, o orgasmo sendo o objectivo final do sexo, devido a não conexão entre o contexto social e as entrevistadas, nos é difícil dizer se ela considera esse objectivo final para ela ou para seu parceiro ou mesmo para ambos.

1.2. Perspectiva Religiosa

Nessa perspectiva, a tese defendida é de que a mulher deve ser submissa ao seu parceiro sexualmente e que sentir prazer era algo indecente ou pecaminosa para as mulheres ditas para casar. Encontramos os seguintes autores, Mossuz-Lavau (2005); Del Priore (2004); Zikan (2005); Oliveira; Rezende; Gonçalves (2008); Brito (2019); Lima (2010).

Nesse âmbito, estudos feitos por Mossuz-Lavau (2005), sobre a sexualidade e religião, referente as mulheres muçulmanas na França, afirma que as mulheres muçulmanas em situação de precariedade, as que não tiveram a oportunidade de estudar ou que não concluíram os seus estudos, não puderam se sentir ligeiramente livres em relação aos códigos doutrinários de sua religião.

Em consequência disso, não tinham a oportunidade de viver a sua sexualidade de forma livre, pois eram "obrigadas" a obedecer os códigos de sua religião que tinham a ver com o cumprimento do seu papel na relação conjugal, ser submissa ao seu parceiro, zelar pela satisfação sexual do mesmo sem opinar em relação a quando manter a relação sexual, quantas vezes manter as relações sexuais e muitas vezes sem desejo sexual. O que fazia com que elas criassem estratégias de modo a verem-se livres dessas situações, como por exemplo a colocação de penso menstrual, mesmo em dias em que não estivessem a menstruar para que seu parceiro pensasse que não se encontra habilitada para o satisfazer sexualmente, (Mossuz-Lavau, 2005).

O estudo feito por Del Priore (2004), sobre a sexualidade no Brasil, salienta que a igreja tinha grande influência sobre a sexualidade feminina visto que esta pregava que as mulheres deveriam ter seus desejos desde muito cedo reprimidos para que assim elas não caíssem em tentação como aconteceu com Eva no jardim do éden. Desse modo, após terem seus desejos domados, as mulheres tornavam-se aptas para o matrimônio, sendo que este, por vezes, era com homens bem mais velhos. Assim, a autora explana que com ou sem prazer, com ou sem paixão, a menina tornava-se mãe, e mãe honrada, criada na casa dos pais, casada na igreja onde na visão da sociedade a maternidade teria de ser o ponto alto da vida da mulher.

Verifica-se que a igreja fomentava a ideia de que a mulher fosse submissa e não tivesse poder sobre seu próprio corpo; nota-se ainda que, este discurso influenciou no desenvolvimento da sexualidade feminina, pois as mulheres que não se encaixavam nas normas da igreja não eram tidas como honestas, e assim, não eram para casar, (Oliveira; Rezende; Gonçalves, 2008).

De acordo com Zikan (2005), no estudo sobre o prazer sexual feminino na história ocidental da sexualidade humana, afirma que até o final do século XIX as mulheres saudáveis eram as que não tinham desejos sexuais, esperava-se da mulher o não prazer. Nesse contexto, o sexo no matrimônio tinha como finalidade a reprodução humana, e quando um homem buscava por um casamento, a escolha era por mulheres reprodutoras enquanto as mulheres mais erotizadas eram tidas como amantes.

A igreja, de acordo com os autores Del Priore (2004) e Oliveira; Rezende; Gonçalves, (2008) e Zikan (2005), fomentava doutrinas de submissão para as mulheres que tinham de ser servas do seu parceiro no que se refere a prática sexual, ao prazer, não sendo permitido a elas viver a satisfação sexual, uma vez que as relações sexuais tinham como finalidade a procriação dentro do matrimônio.

O autor Mossuz-Lavau (2005), acrescenta que essas mulheres que viviam em contexto de submissão pelas doutrinas religiosas partilhadas, usavam-se de estratégias para ganhar liberdade a quanto da prática de relações sexuais indesejáveis, colocando o penso menstrual em períodos não menstruais.

Essa mulher submissa e passiva se via obrigada a abrir mão de seus desejos e anseios para cuidar de seu lar onde todos os afazeres domésticos eram impostos a ela, por exemplo cuidar de seus

filhos e satisfazer o marido e seus desejos, (Souza, 2011 citado por Brito, 2019). Ainda, observa-se que a mulher praticamente anulava o seu “eu” para satisfazer e cuidar do outro, deixando também a sua sexualidade de lado já que nesses tempos antigos haviam tantos tabus de que a mulher deveria apenas procriar e que sentir prazer com o acto sexual seria como pecar, (Brito, 2019).

O estudo realizado por Lima (2010), sobre o imaginário judaico-cristão e submissão das mulheres, constata que na sociedade antiga, especificamente na Grécia, a moral sexual dirigia-se à conduta dos homens uma vez que as mulheres tinham uma vida cheia de restrições. Eram consideradas objetos ou no máximo como “parceiras” do homem, mas sempre numa posição inferior, pois estes deveriam formá-las, educá-las e vigiá-las enquanto as tinham sob seu poder.

Por outro lado, era preciso abster-se delas quando estavam sob o poder de outro homem (pai, marido, tutor). Como objetos, não importava o que desejavam ou o que sentiam, cabia-lhes somente satisfazer a vontade e os desejos dos homens, papel destinado socialmente à esposa na sociedade antiga: dar descendência legítima. Para assegurar essa legitimidade era necessário mantê-la submissa, obediente e, principalmente, fiel.

As mulheres que estivessem em matrimônio deviam ser submissas ao seu parceiros de modo que não expressassem o seu desejo sexual, o prazer, pois esse era visto de forma indecente, ou algo pecaminoso pelos homens e não era uma atitude digna de mulher dita para casar.

Tendo em vista que o estudo teve por objectivo refletir sobre a história da sexualidade feminina no Brasil, Oliveira; Rezende; Gonçalves (2008), mediante a pesquisa bibliográfica realizada, afirmam que a sexualidade feminina passou por transformações e evoluções que proporcionaram liberdade sexual para as mulheres ao longo da história. Actualmente, esta temática ainda fomenta questionamentos, pois a sexualidade evolui e molda-se conforme as concepções culturais e sociais.

Entretanto, ainda existem mitos e preconceitos no desenvolvimento da sexualidade feminina. Nota-se que predominam os padrões subjacentes de independência sexual e, dessa maneira, a busca pela satisfação e prazer sexual por vezes está muito longe de consumir-se para muitas mulheres pelas doutrinas religiosas comungadas e pelo contexto social.

Acredita-se que é necessário que as mulheres tenham pleno desenvolvimento de suas vontades, desejos, comportamentos sexuais, e, sobretudo, clareza de que os aspectos culturais e tabus que permeiam este tema não devam persuadi-las na reflexão da sua identidade sexual e no conhecimento do seu corpo para que assim elas tenham um desempenho sexual satisfatório, percebendo a sexualidade como algo natural e prazeroso. No entanto, ainda é necessário um longo caminho para que a sexualidade feminina seja expressa de forma natural, tendo em vista que essa é cercada de conceitos morais, culturais e sociais, (Ibidem).

Através da literatura analisada pôde verificar-se que as abordagens trazidas pelos autores, entram em concordância que o sistema patriarcal e as doutrinas religiosas, no que tange a relação sexual à dois (homem e mulher), contribuiu para a não satisfação sexual da mulher em resultado dos papéis que eram atribuídos a mesma, funções essas que tinham como intuito zelar pelo prazer do seu parceiro com vista a cumprir com suas obrigações, que fez com que ela, mesmo que viva a satisfação sexual não seja voltada para si. Acrescentando as ideologias de submissão feminina que as impossibilitou de viver a satisfação sexual, o prazer, uma vez que as mulheres ditas para casar, deviam ter como ápice a maternidade e que o sentir prazer era algo indecente ou interpretado como pecaminoso pelo homem.

Apesar disso, não se levou em conta o significado que a satisfação sexual tem para a mulher, ou o que a mesma pensa sobre a sua satisfação sexual uma vez que a mesma, como mostra a literatura, vai em busca de relações extraconjugais quando não satisfeita ou procura ajuda de profissionais especializados, como meio de fazer face as questões da insatisfação durante as relações sexuais ou ainda, o uso de técnicas para prevenir a prática do sexo indesejado dentro de suas relações, isso sem deixar de cumprir com seu papel de esposa construído socialmente.

No contexto moçambicano, as mulheres são preparadas para ir ao lar atribuindo-lhe certas funções que deverão desempenhar para cumprir com seu papel de esposa, das quais zelar pelo seu parceiro sexualmente faz parte. Entretanto, as mulheres têm se exposto dentro da relação, falando sobre relações sexuais com seus parceiros com vista a ganhar autonomia na relação, sobre como viver a sua relação sexual sem se prender a papéis sociais ou doutrinas impostas as mulheres com vista a zelar primeiramente pelo seu parceiro, mas buscam viver juntamente com seu par a experiência de poder ter prazer ou se satisfazer sexualmente.

Desse modo para o estudo virado para o contexto moçambicano, uma vez que as mulheres, actualmente, vão ganhando mais voz em torno da sua vida sexual, da sua satisfação sexual, o argumento apresentado é de que na relação conjugal, a satisfação sexual para as mulheres apresenta-se como um modo de afirmação do empoderamento sexual, face aos papéis sociais que são atribuídos a mesma no contexto de dominação masculina.

Sendo importante questionar: Até que ponto a satisfação sexual representa uma forma empoderamento sexual entre as mulheres casadas?

Capítulo 2. Enquadramento Teórico e Conceptual

Neste capítulo, apresentamos o quadro teórico que nos serviu de lentes para a leitura dos dados, que é a teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e o respectivo quadro conceptual e sua operacionalização.

2.1 Quadro Teórico

Nesta secção, apresentamos os pressupostos teóricos que conduziram a elaboração do trabalho de pesquisa, usando deste modo a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici.

As Representações Sociais são conhecimentos práticos que se desenvolvem nas relações do senso comum, formadas pelo conjunto de ideias da vida quotidiana, construídas nas relações estabelecidas entre sujeitos, ou através de interações grupais, (Moscovici, 2002 citado por Dias e Santos, 2015).

A sociedade na concepção de Moscovici (1978) citado por Estevam et al. (s/d), é um sistema político e económico, sendo também um sistema de pensamento. Contudo, distingue dois universos nessa sociedade, o consensual e o rectificado, sendo que ambas actuam simultaneamente para moldar a nossa realidade. O universo consensual que compreende as práticas interactivas do quotidiano, sendo essas representações produzidas espontaneamente dentro de um grupo, ou mesmo colectividade e no universo rectificado se manifestam os saberes e conhecimentos científicos, com objectividade e rigor lógico e metodológico, porém ambos os universos se inter-relacionam, dando forma a nossa realidade.

De acordo com a Teoria das Representações Sociais, o sujeito parte de uma representação simbólica do objecto, integrando novos significados que são partilhados no campo social. Para tanto, Moscovici (2004) citado por Costa e Fernandes (2012), descreve dois processos básicos intrinsecamente ligados: a ancoragem e a objectivação.

A ancoragem refere-se ao processo de categorizar um objecto estranho para que este adquira características conhecidas dando-lhe um nome, atribuindo-lhe um significado novo, pois o estranho é assustador, insuportável e não comunicável. Mas, na medida que este objecto é categorizado, sai do anonimato e é incorporado na matriz identitária da cultura. Moscovici (2004) citado por Costa e Fernandes (2012), afirma que o acto de categorizar alguém ou alguma coisa

não significa incorporar algo de novo no repertório do sujeito, mas encaixá-lo entre algo que lhe seja familiar para que se possa ter uma relação ou familiaridade, seja de forma positiva ou negativa com esse objecto. Se a ancoragem consiste em criar uma imagem do objecto, na objectivação dá-se um significado para que este se torne real, preenchendo a lacuna entre a comunicação e o que ela representa.

No pensamento de Moscovici (2004) citado por Costa e Fernandes (2012), as representações sociais referem um processo de transformação das palavras em objectos, e, para que esses se tornem reais, é necessário que este objecto tenha um significado para o sujeito que o representa. Associando esses processos de ancoragem e objectivação, percebe-se que, ao se falar em representações sociais, fala-se de um processo sociocognitivo que une o sujeito, o objecto e a realidade circundante através das experiências comuns a todos os membros de uma sociedade, pois é do contacto com meio social que os actores se apropriam das imagens, da linguagem e comportamentos necessários para a familiaridade com o corpo social.

As representações sociais são convenções na medida que são aceitas por todos no grupo como formas de proceder e agir no convívio social, assim, como são prescritivas, pois antes do sujeito nascer, já existe uma tradição que decreta o que deve ser pensado. Assim, as representações sociais não são um modo independente de pensar já que elas nos são impostas com a socialização, restando ao sujeito repensar, recitar e rerepresentar esses fenômenos que são essencialmente uma marca social, (ibidem).

As representações que se formam na sociedade têm repercussões directas em seu comportamento, atitudes e modos de agir, pois formam estruturas individuais de conhecimento que informam e orientam os membros de um grupo social em determinado tempo e espaço, (Moscovici, 2003 citado por Estevam et al s/d). Cada indivíduo é livre para se comportar como um amador e um observador curioso, podendo manifestar suas opiniões, apresentar suas teorias e ter uma resposta para todos problemas, (Moscovici, 1978 citado por Estevam et al. s/d). Em suma, as representações sociais são de suma importância para as práticas sociais, pois contribuem e influenciam a construção da própria realidade, sustentando as práticas do grupo social estudado, (ibidem).

Deste modo, a partir do estudo das representações sociais das mulheres casadas sobre a sua satisfação sexual, poderemos compreender o modo como as representações ou conhecimentos são formados, moldados e transformados através das interações dessas mulheres casadas, tendo em conta o seu contexto social e, desse modo, entender a forma como os conhecimentos por elas formados influenciam as atitudes e os comportamentos delas, levando em consideração o facto de estarem dentro de suas relações conjugais e por viverem maritalmente.

2.2. Quadro Conceptual

Nesta secção não apenas apresentamos os conceitos que conduziram o trabalho em questão, mas também a operacionalização dos mesmos a fim de trazerem as perspectivas em que esses conceitos serão analisados, tendo em conta os objectivos do trabalho.

2.2.1. Relação Conjugal

De acordo Ávila (1972), relação conjugal é espécie singular de relação entre pessoas que se unem uma à outra, com propósito de vida mútua, distinta da ordinária vida social, ou da relação social a que se subordinam. Essa vida relacional comum inclui actividades, interesses e construções comuns que podem ou não envolver actividades sexuais, esta, por seu turno, com finalidade apenas procriativa, apenas prazerosa ou com ambas finalidades, conforme a decisão do casal e ou pré-definições culturais e sociais.

Concordando com os autores supracitados no que se refere a união entre duas pessoas, Berger e Kellner (1964) abordam a relação conjugal como um processo de construção de uma realidade comum. Cada parceiro, ao se engajar na relação a dois experimenta uma reconstrução de sua realidade individual, criando referências comuns e uma identidade conjugal.

De acordo com Souza (2006) citado por Pires (2008), a conjugalidade refere-se à sua diáde conjugal e constitui um espaço de apoio ao desenvolvimento familiar. É com a formação do casal que tudo inicia. Assim, quando dois indivíduos se comprometem a ter uma relação estável e duradoura, completam-se e se adaptam reciprocamente de modo a constituir um modelo de funcionamento conjugal. Os autores supracitados concordam no que se refere a adaptação da vida individual a convivência à dois de forma recíproca .

Gonçalves (s/d) citado por Valda (2011) afirma que a relação conjugal é entendida de maneira distinta entre os cônjuges, pois a mulher visa o casamento acima de tudo como expressão máxima de amor e compromisso entre duas pessoas, e, só secundariamente, entendido como uma instituição. No diz respeito ao homem, a relação conjugal consiste no puro cumprimento do dever de suprir a casa e de satisfazer a mulher em seu íntimo.

Os autores foram unânimes ao afirmar que a relação conjugal é um a envolvimento entre duas pessoas. Afirmam que a relação entre essas pessoas visa um objectivo em comum, a reciprocidade, onde um tenta adapta-se a vida individual a vida à dois. Diferente de Gonçalves (s/d) citado por Valda (2011), que afirma que a vida conjugal é entendida de forma distinta entre homens e mulheres. Nesse âmbito, irá se definir relação conjugal como o envolvimento entre duas pessoas com o objectivo de formar uma família, que partilham a vida à dois de forma recíproca, buscando os mesmos objectivos e que dividam o mesmo espaço habitacional.

2.2.2.Satisfação Sexual

A satisfação sexual é definida directamente em termos de expectativas individuais dentro do domínio sexual, incluindo até que ponto a actividade sexual de uma pessoa atende às suas expectativas, (DeLamater, 1991 citado por McClelland, 2010)

Ainda no mesmo contexto, concordando com a criação de expectativas no que se refere a actividade sexual, Davidson, Darling e Norton (1995) citado por Pechorro, Diniz e Vieira (2009), consideram que o sentimento de satisfação com a vida sexual está intrinsecamente relacionada as experiências sexuais passadas do indivíduo, expectativas actuais e aspirações futuras.

A satisfação sexual também é definida por Lawrance e Byers (1995) citado por McClelland (2010), como uma resposta afectiva decorrente da avaliação subjetiva de alguém, das dimensões positivas e negativas associadas a sua relação sexual.

Pinney, Gerrard e Denney (s/d) citado por DeLamater (1991), tentaram redefinir o conceito, identificando duas dimensões constituintes da satisfação. A satisfação geral que é relativa aos tipos e frequência de actividades sexuais e a satisfação com o seu companheiro actual. Segundo os autores, a satisfação teria uma componente pessoal e uma componente interpessoal,

dependendo de um lado dos desejos da pessoa por determinados tipos de frequência de actividades sexuais, e por outro lado, dos tipos de comportamento do companheiro.

Barrientos e Paez (2006) citado por Wainberg, Stenert e Hutz (2009), apontaram como importantes variáveis associadas à satisfação sexual: as sensações pois sexuais; alegria particular ou prazer; a ausência de discrepância nas relações sexuais desejadas e a comunicação de tópicos sexuais.

Os posicionamentos ilustram que os autores ao definirem a satisfação sexual apresentam uma ligação entre a relação sexual e as expectativas que se criam em volta dela, ou seja a avaliação subjectiva que os indivíduos fazem dela. Relacionam também com a frequência das actividades sexuais, em que a própria satisfação teria um vertente pessoal e as expectativas que se criam em volta do comportamento do parceiro e, não só, a comunicação sobre a vida sexual. Desse modo, a satisfação sexual será definida como a avaliação positiva ou negativa que os indivíduos fazem da sua relação sexual, que as possibilite se comunicar abertamente sobre sua vida sexual, de modo que façam prevalecer os seus desejos durante a relação sexual desejada.

2.2.3.Emponderamento Sexual

O emponderamento implica, essencialmente, a obtenção de informações adequadas, um processo de reflexão e tomada de consciência quanto a condição actual, uma clara reformulação das mudanças desejadas e da condição a ser construída. A estas variáveis deve somar-se uma mudança de atitude que impulsiona a pessoa, grupo ou instituição para a acção prática, metódica e sistemática, no sentido dos objetivos e metas traçadas, abandonando-se a antiga postura meramente reactiva ou receptiva,(Schiavo e Moreira, 2005 citado por Valoura, 2016).

O emponderamento sexual é entendido como um processo multidimensional que compreende uma variedade de atitudes e comportamentos, incluindo, entre outros, ter uma imagem corporal saudável, aceitar e validar o próprio desejo, sexual sentir que tem o direito de expressar sua sexualidade, ter expectativas de prazer sexual, reconhecer e ser claro sobre os próprios desejos sexuais ,ser capaz de comunicar esses desejos ao seu parceiro, recusar contacto sexual indesejado e usar anticoncepcionais de forma eficaz, (Zimmermann, 1995; Peterson, 2010; Lomb e Peterson; 2012 citado por Casique, 2018).

O emponderamento na posição dos autores remete a atitudes e comportamentos resultantes de uma tomada de consciência da situação vivida anteriormente em que os indivíduos passam a ter controle sobre sua vida sexual e criam expectativas em volta dela. Concordando, Peterson, (2010) ; Zimmermann (1995) citado por Peterson (2009), definem o emponderamento sexual como um processo psicossocial por meio do qual indivíduos menos poderosos ganham mais poder e controle sobre sua sexualidade por meio de experiências sexuais saudáveis e mais reivindicações de recursos.

Emponderamento sexual, na visão dos autores é entendido como uma tomada de consciência dos indivíduos sobre sua sexualidade, de modo que ela influencie as atitudes e comportamentos referentes à vida sexual. Relativamente às mulheres, o emponderamento sexual objectiva a criação de expectativas em torno da prática sexual, permitindo que elas falem abertamente sobre a sua sexualidade, de modo que tenham iniciativa para o início da relação sexual de modo a serem sexualmente satisfeitas pelos seus parceiros, de maneira a recusar o contacto sexual indesejado.

Capítulo 3. Enquadramento Metodológico

Na presente secção, serão apresentados procedimentos metodológicos que foram usados para a recolha e análise de dados colhidos em campo, tendo em conta os procedimentos éticos e os constrangimentos por nós enfrentados.

3.1. Método de Abordagem

Para a realização do trabalho, optou-se pelo método de abordagem qualitativo, que é uma forma adequada de entender a natureza de um fenómeno social, na medida que pode ser caracterizado como a tentativa de compreensão detalhada dos significados e características situacionais, apresentadas pelos entrevistados que vai de acordo com os objectivos da pesquisa em questão, também contribui no processo de mudança de determinados grupos e possibilita em maior nível de profundidade o entendimento de particularidades do comportamento dos indivíduos (Richardson, 2008).

Com isso, foi escolhido esse método devido ao objectivo da pesquisa, que era de compreender as representações sociais da satisfação sexual das mulheres casadas como forma de emponderamento sexual visto que o mesmo (método) fornece ferramentas necessárias para analisar a interação e classificar processos dinâmicos, vividos pelas mulheres casadas, bem como possibilitar uma compreensão mais profunda e detalhada do fenómeno.

3.2. Técnica de recolha de dados

Para este trabalho foi usada como técnica de recolha de dados a entrevista semi-estruturada que possibilita um contacto directo entre o investigador e os seus entrevistados e facilita a recolha de informação, ideais, pensamentos latentes sobre um determinado assunto, mesmo que as perguntas a serem respondidas sejam pré-estruturadas. Assim, ao responder as perguntas, o entrevistado toma parte na elaboração do conteúdo da pesquisa, seguindo sua linha de pensamento de forma espontânea e relatando experiências vivenciadas dentro do foco escolhido pelo investigador (Trivinos, 2006). O uso dessa técnica deve-se ao facto dela permitir um aprofundamento do assunto e pelo facto do entrevistador ter maior liberdade, permitindo deste modo colher o máximo de informação (Richardson, 2008).

A escolha dessa técnica de recolha de dados possibilitou que as entrevistadas se expressassem livremente sobre a temática, mesmo que as perguntas sejam pré-elaboradas, pois as perguntas serviam como guião a quanto da explanação das mesmas, desse modo, as mulheres puderam de forma mais livre expor suas representações em torno da satisfação sexual, juntamente com os significados que as mesmas a atribuem.

3.3. Técnica de Amostragem

Como técnica de amostragem, foi escolhido a amostragem não probabilística, em que os indivíduos pertencentes a amostra são selecionados seguindo certos objectivos (Richardson, 2008). Na qual usar-se-á a amostragem intencional que tem como base seleccionar um subgrupo da população que com base nas informações disponíveis, possa ser considerado representativo à população, (Filho, s/d), ou seja, é aquela cuja a seleção é baseada no conhecimento sobre a população e o propósito do estudo. Ou ainda, o pesquisador realiza a seleção dos elementos que apresentam as características estabelecidas no plano e nas hipóteses do trabalho com perspectivas de obter as informações desejadas e previstas (Richardson, 2008).

3.4. Técnica de análise de dados

Para a análise de dados foi usada como técnica a análise de conteúdo que é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que tem como objetivo ultrapassar as incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados, como afirma Chizzotti (2006:98) citado por Grzybovski e Mozzato (2011), “o objectivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. Essa técnica permitirá a análise dos depoimentos dos entrevistados, desse modo, coletando o significado por detrás das mensagens, uma vez que as respostas as perguntas apresentadas serão gravadas e posteriormente transcritas. Como acrescenta Bardin (1979:32) citado por Richardson (2008: 225), “tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetida a análise de conteúdo.”

3.5. Método de procedimento

Foi usado o método de procedimento monográfico, pois parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes (Gil, 2008). A escolha desse método deriva do facto de poder analisar com

mais precisão e profundidade a amostra uma vez que a mesma não se apresenta em grandes proporções, de modo que essa possa representar o universo estudado.

3.6. População e Amostra

População é o conjunto de elementos que possuem determinadas características comuns, elementos de um determinado conjunto e amostra, selecionada de acordo com uma regra ou um plano, por meio da qual estabelecemos ou estimamos as características desse universo ou dessa população (Richardson, 2008). Amostra é o conjunto formado por um subgrupo da população, (Filho, s/d).

A população que fez parte do nosso estudo são todas as jovens mulheres residentes em Maputo com idades compreendidas no intervalo dos 18 à 40 anos de idade, acreditando-se que tenham uma vida sexualmente activa, com uma amostra de 15 mulheres, casadas maritalmente ou oficialmente, oriundas de diferentes bairros.

3.7. Questões éticas

A pesquisa obedeceu aos critérios éticos a quanto da sua elaboração. Tivemos em conta o princípio do *consentimento informado*. Antes das entrevistas, foi explicado as nossas entrevistadas o tema da nossa pesquisa e acima de tudo os objectivos e a finalidade do mesmo trabalho com vista a deixá-las a par do nosso propósito, desse modo, existiram interrogações por parte delas e procuramos explicar com vista a sanar todas as duvidas para que posteriormente decidissem se iriam ou não colaborar respondendo as nossas perguntas.

Tivemos em conta também o segundo princípio do *voluntarismo*. Por mais que houvesse da nossa parte um conhecimento prévio da nossa população, nessa pesquisa só participaram as mulheres que se dispuseram a participar de forma livre e não forçosa. Tivemos em conta também o terceiro princípio do *anonimato*. Quando foram colhidos os dados relativos ao perfil sociodemográfico das entrevistadas, não lhes foi questionado o nome de modo que se mantivessem em anonimato e para a identificação de cada uma das entrevistadas a quanto da análise dos dados, pautamos por chama-lás de acordo com o seu número de entrevista e idade, como no exemplo, (E:1, 36 anos).

Observamos também o quarto princípio da *confidencialidade*. Todos os depoimentos colhidos das respostas das nossas entrevistadas não estiveram ao alcance de ninguém mais além do próprio pesquisador e desse modo asseguramos que o tratamento, a análise e a interpretação dos dados estivessem ao nosso cargo para que de modo algum os dados colhidos fossem capazes de identificar a pessoa que nos facultou.

3.8. Constrangimentos e Formas de Superação

Ao longo da elaboração do trabalho, enfrentámos vários constrangimentos, desde a própria elaboração do projecto de pesquisa até a ida ao campo para a recolha de dados, uma vez que o projecto de pesquisa teve que ser reelaborado diversas vezes com vista a melhorá-lo. Especificamente no campo para a recolha de dados, numa primeira fase, as entrevistadas (algumas) mostraram-se indisponíveis a fazer parte da entrevista, alegando que se tratava de assunto muito íntimo e que só incumbia a ela e ao seu parceiro saber.

Tivemos casos em que as mulheres nos questionavam sobre a relevância e pertinência da nossa pesquisa e acrescentavam perguntando o motivo de uma pesquisadora tão nova procurar saber esse tipo de temática, desse modo criando uma ponte entre a pesquisa e a índole da pesquisadora. Houve também situações em que as entrevistadas aceitavam fazer parte da entrevista, entretanto, dificilmente se encontravam disponíveis, alegando que o tempo lhes era escasso e que só tinham tempo de noite, nesses casos, optamos por fazer entrevistas telefónicas nocturnas, num horário por elas descrito e que muitas vezes eram feitas de forma faseada.

Tivemos o caso das mulheres que não se sentiam confortáveis com o celular da pesquisadora usado como gravador, pediam para que não fossem gravadas, desse modo, pautamos por apontar num bloco de notas as suas respostas de forma mais rápida possível, para que não nos perdêssemos na explicação da entrevistada. E tivemos mais dificuldades em encontrar mulheres com mais de trinta (30) anos que aceitassem participar da pesquisa, mas superámos trabalhando com as mulheres que aceitavam participar desde que tivessem os critérios estabelecidos no estudo. Em suma, esses constrangimentos fizeram com que a recolha de dados fosse mais demorada.

Capítulo 4. Apresentação e Análise dos dados

Nesta secção, apresentamos e analisamos os dados colhidos no campo, com o intuito de compreender a satisfação sexual das mulheres casadas como uma forma de emponderamento sexual, buscando relacionar com o quadro teórico e os conceitos usados ao longo do trabalho de pesquisa.

Desse modo, este capítulo encontra-se organizado da seguinte maneira: primeiro o perfil socio-demográfico; seguido das representações sociais das mulheres casadas sobre sua satisfação sexual, que encontram-se subdivididas em satisfação sexual como o prazer da mulher casada; orgasmo como o ápice da relação sexual; satisfação sexual como “bem-estar” na relação sexual; satisfação sexual como factor de união e fortalecimento da relação; satisfação sexual como meio de fortalecimento da auto-estima.

Posteriormente, encontramos as influências da satisfação sexual da mulher na vida conjugal, onde temos, a satisfação mútua e o fortalecimento da relação conjugal; a satisfação sexual “um reforço” da intimidade do casal e no último ponto da satisfação sexual das mulheres casadas como forma de emponderamento sexual temos: a voz feminina entre quatro paredes; a iniciativa feminina para o acto sexual; a reivindicação da satisfação no acto sexual e a negação das relações sexuais indesejadas

4.1. Perfil sócio-demográfico

O perfil socio-demográfico busca descrever as entrevistadas ou as pessoas que fizeram parte do estudo. Nesse âmbito, fizeram parte da nossa pesquisa quinze (15) mulheres, com idades compreendidas entre os vinte e um (21) anos de idade e trinta e seis (36) anos de idade, sendo que duas têm vinte e um (21) anos; uma tem vinte e dois (22) anos; quatro tem vinte e três (23) anos; duas têm vinte e quatro (24) anos; uma tem vinte e cinco (25) anos; três têm vinte e seis (26) anos; uma tem vinte e sete (27) anos e uma tem trinta e seis (36) anos.

No que respeito ao Bairro de residência das entrevistadas, podemos destacar os seguintes: Aeroporto; Bagamoio, Bairro Magude; Costa do Sol; Khongolote; Magoanine, Malhangalene; Matola; Maxaquene; Patrice Lumumba e Polana Cimento “A”. Em relação ao estado cívil, no

universo de quinze entrevistadas, seis delas são casadas oficialmente e oito delas vivem um casamento marital.

Quanto ao nível académico, onze das entrevistadas têm a décima segunda (12^a) classe concluída; três delas fizeram e concluíram o nível técnico-profissional e uma tem o nível superior.

Quanto a ocupação, elas encontram-se diversificadas, dentre as quais, temos: uma (1) funcionária pública; seis (6) estudantes; quatro (4) domésticas; uma (1) trabalhadora de loja; uma (1) trabalhadora de banca; uma (1) trabalhadora por conta própria (empreendedora) e por último, uma (1) desempregada.

Quanto ao local de proveniência, a naturalidade, as nossas entrevistadas não foram muito diversificadas nesse aspecto, catorze delas são da Zona Sul do país, concretamente de Maputo-Cidade e Maputo Província, apenas uma delas é oriunda da Zona Centro, concretamente da província da Zambézia.

Em suma, as quinze (15) entrevistadas são jovens maiores de vinte e um (21) anos e menores de trinta e sete (37) anos, residentes entre as províncias de Maputo Província e Maputo Cidade onde a maioria tem o nível médio concluído e se encontram diversificadas nas suas ocupações e quanto a naturalidade, todas as entrevistadas com exceção de uma são de Maputo e a restante oriunda da Zambézia.

4.2. Representações Sociais das mulheres casadas sobre sua satisfação sexual

Nesse capítulo, buscamos apresentar as representações sociais das mulheres sobre a satisfação sexual, o modo como as mesmas a concebem tendo em conta as suas próprias experiências na vida conjugal. Os dados analisados, permitiram-nos categorizar as representações das mulheres casadas em torno da satisfação sexual em cinco vertentes, primeiro, (i) satisfação sexual como prazer da mulher; (ii) orgasmo como o ápice da relação sexual; (iii) satisfação sexual como “bem-estar” na relação sexual; (iv) satisfação sexual como factor de união e fortalecimento da relação e (v) satisfação sexual como fortalecimento da auto-estima.

4.2.1. Satisfação sexual como o prazer da mulher

Os dados colectados mostram que as entrevistadas, ao debruçarem sobre a satisfação sexual, apresentam elementos como o prazer, o orgasmo, o bem-estar nas relações sexuais como constituintes da satisfação sexual, baseando-se nas experiências colhidas durante a sua vida conjugal, o que não foge da definição por nós construída em torno da satisfação, pois pautam por uma classificação subjectiva das suas relações sexuais em comum acordo com as expectativas criadas em volta do acto. As entrevistadas entendem nesse ponto a satisfação sexual como o prazer durante as relações sexuais, acrescentando factores como a satisfação mútua nesse processo, em depoimento:

Para mim satisfação sexual é o prazer que sinto durante o acto sexual, (E:1, 36 anos).

Satisfação sexual é um momento ímpar que envolve prazer entre duas pessoas tornando numa só, (E:4, 23 anos).

Satisfação sexual é quando te entregas ao sexo para sentir prazer, (E:7, 23 anos).

Para mim satisfação sexual é quando os dois fazem sexo e cada um deles se satisfaz, satisfação sexual é quando têm ou sentem prazer, não pode ser um só a sentir isso tem que ser os dois, e os dois devem chegar ao clímax (E:8, 23 anos).

É um momento onde um casal têm a dois, onde tem troca de carinho e prazer, (E:9, 27 anos).

Os depoimentos acima referidos ilustram uma convergência no que concerne à concepção das entrevistadas em torno da satisfação sexual como o prazer que se sente durante o acto sexual, todavia, a (E:8, 23 anos) acrescenta ainda, o pressuposto de que a satisfação sexual nesse caso o prazer, deve ser partilhado entre duas pessoas e não uma só, afastando-se da ideia do sistema patriarcal que dá mais primazia ao prazer do homem e não da mulher, alegando que tanto o homem assim como a mulher durante a prática sexual, devem sentir-se satisfeitos sexualmente e ambos devem sentir prazer.

Tendo em conta a perspectiva a que se olha, a satisfação sexual nesse trabalho, importa referir que o acréscimo da entrevistada, vai directamente ao encontro da visão por nós proposta de que se criam expectativas em torno da relação sexual, que no caso dela, é de satisfação de ambos.

Segundo Moscovici (1985) citado por Brenelli; Osti e Silva (s/d), as representações são pensadas, formadas, partilhadas pelos indivíduos dentro de seu meio e dentro de um grupo. As nossas entrevistadas formaram as suas representações sobre a satisfação sexual tendo em conta o seu contexto, o seu meio social, ou seja, com base na experiência obtida no decorrer da vida conjugal, ou na relação conjugal, e, não só, embora as semelhanças na concepção de satisfação sexual sejam aparentes, existe também um acréscimo por parte de uma das entrevistadas, provando que diferentes meios sociais podem formar perspectivas de vida conjugal diferentes.

4.2.2. Orgasmo como o ápice da satisfação sexual

Nesta parte, as entrevistadas foram mais específicas ao fazerem a conexão entre a satisfação sexual e o orgasmo, diferentemente da representação anterior que olhava a satisfação sexual como prazer. As entrevistadas olham o orgasmo como fim último da relação sexual ou seja, atingir o orgasmo é a satisfação sexual, em depoimento, as entrevistadas alegaram o seguinte:

Na minha opinião, satisfação sexual é atingir o orgasmo, pois o fim último da relação sexual é esse, (E:5, 24 anos).

Satisfação sexual é fazer sexo e sentir prazer, satisfação sexual é chegar ao orgasmo, (E:13, 24anos).

Nos depoimentos acima supracitados, as nossas entrevistadas entram em comunhão em relação a concepção do orgasmo como o fim último da relação sexual, o orgasmo como o que chamamos de se sentir satisfeito sexualmente, diferente da perspectiva trazida por Zikan (2005), que alega que as mulheres tinham de ser servas aos seus parceiros no que se refere a pratica sexual, uma vez que, as relações sexuais tinham como finalidade a procriação dentro do matrimônio.

Entretanto, a (E:5, 24 anos) apresenta uma sequência para que se possa sentir satisfeito sexualmente, onde primeiramente apresenta o prazer, como uma passagem para chegar ao orgasmo, diferente das entrevistadas da perspectiva primeiramente apresentada, em que apresentam o prazer como sendo a satisfação sexual.

Kobayashi e Reis (2015), em torno deste assunto, da satisfação sexual das mulheres jovens, apontam que as mulheres não precisam ou não necessitam de alcançar o orgasmo para se sentirem satisfeitas sexualmente, mas ao mesmo tempo preferem alcançá-lo e ficarem extremamente excitadas. Tendo em conta as duas primeiras perspectivas de satisfação sexual apresentadas, o estudo supracitado mostra que as mulheres concebem satisfação de forma subjectiva, de forma diferente, o que vai ao encontro dos depoimentos apresentados pelas nossas entrevistadas, entre o prazer e o atingir o orgasmo.

Ainda dentro da mesma perspectiva, Joffe e Levie-Ajayi (2009), em concordância com as entrevistadas, que concebem a satisfação sexual como atingir o orgasmo, no seu estudo conclui que as mulheres representam o orgasmo como sendo o objectivo final do sexo, um ponto alto e romântico, o símbolo da feminilidade.

Em termos teóricos, importa salientar que as representações sociais são conhecimentos práticos que se desenvolvem nas relações do senso comum, formadas pelo conjunto de ideias da vida quotidiana, contruída nas relações estabelecidas entre sujeitos, ou através de interações grupais (Moscovici, 2002 citado por Dias e Santos, 2015), as duas perspectivas sobre a satisfação sexual, mostram a diversificação na abordagem das nossas entrevistadas, pois por um lado, apresentam a satisfação sexual como prazer e por outro apresentam a satisfação sexual como atingir o orgasmo, uma vez que constroem suas representações sociais tendo em conta as suas relações conjugais e pelo facto das representações sociais serem formadas a partir dos conhecimentos práticos, conhecimentos formadas a partir da experiência.

4.2.3. Satisfação sexual como “bem-estar” na relação sexual

Posteriormente, a abordagem da satisfação sexual como prazer e o orgasmo como o ápice da relação sexual, nesse ponto, as nossas entrevistadas, representam a satisfação sexual como manter relações sexuais e sentir-se bem por ter feito, entretanto, acrescentam elementos que devem compor essa acção, apresentadas por nossa (E:3, 21 anos) que são, protecção, segurança e confiança.

É fazer amor, é se entregar de corpo e alma, é sentir que tem alguém que te dá protecção, segurança, confiança, é pensar que não existe outra pessoa além de vocês dois no mundo, é achar que estas diante de um sonho e não querer acordar, é voar sem medo de nada e

sem limites das consequências, resumido, é amor não foder, existe uma diferença entre essas duas palavras, é fazer amor até chegar no ponto de ambos se sentirem completos, (E:3, 21anos).

Satisfação sexual implica fazer sexo e me sentir bem por ter feito, é um sentimento que yah, você fica tipo hoje foi hoje, porque me senti bem ao fazer e principalmente satisfeita porque correu tudo de maneira que meu corpo ficasse leve, (E:2, 22anos).

Nos depoimentos apresentados, colocados dentro de um mesmo contexto, as entrevistadas pautam em dizer que satisfação sexual implica fazer amor ou fazer sexo, mas nos dois casos sentir-se bem por ter feito é vigente, todavia, a (E:3, 21 anos) não se limita a isso e acrescenta elementos como sentir-se protegido, seguro e confiante com a pessoa que se relaciona como pontos que fazem a satisfação sexual.

Esses pontos acrescentados pela (E:3, 21 anos), entram em divergência com os estudos feitos por Hampf (2015), onde o autor salienta que algumas mulheres podem não se sentirem satisfeitas com a pessoa que se sinta segura mesmo gostando dela, pela preocupação em satisfazê-lo e pelo medo do que o seu parceiro irá pensar se expressarem-se livremente a quanto da sexualidade, pois para a entrevistada, a protecção, segurança e confiança são elementos que influenciam na obtenção de satisfação sexual nas relações.

Nas três categorias apresentadas de representações (satisfação sexual como prazer; o orgasmo como ápice da relação sexual e bem-estar na relação sexual), foi possível compreender que as nossas entrevistadas formaram-nas tendo em conta suas experiências a quanto da vida à dois e tendo em conta a diversificação do meio social por elas vivido.

4.2.4. satisfação sexual como factor de união e fortalecimento da relação

A união de duas pessoas com objectivo em comum de formar uma família ou manter uma relação, é regida por comportamentos e atitudes que se esperam de cada um deles nesse processo, nesse em caso específico, as entrevistadas mostraram que a satisfação sexual é um meio que fortalece a relação com seu parceiro, ou seja, para elas significa o pilar para a relação conjugal, o que mantém a união do casal nesse caso, temos como depoimento:

Para mim como mulher, a satisfação é o meu pilar, se estou com o meu marido é porque ele cuida de mim, não só nas despesas da casa, mas também nos desejos da carne, então mulher que é mulher precisa de um homem que a satisfaça para elevar a autoestima e autoconfiança de se sentir mulher, (E:3, 21 anos).

significado para mim como mulher é uma honra, um privilégio porque segundo estudos, eu li que há mulheres que não têm tido satisfação sexual nas suas relações, então para mim o significado é esse, também acredito que fortalece mais a relação e cria mais desejo de estar com o nosso parceiro, (E:14, 23 anos).

A satisfação sexual é olhada como o motor para a sua relação, uma das bases para o casamento e a (E:3, 21 anos) acrescenta que o ser mulher engloba se sentir satisfeita sexualmente, a mesma concorda que a satisfação deve ser mútua, pois diz que é necessário ter um homem que a satisfaça. A (E:14, 23 anos) para além de acrescentar que a satisfação para ela apresenta-se como sendo uma honra, um privilégio, ao apresentar o significado para a satisfação sexual tem em conta estudos científicos relativos a satisfação sexual da mulher e é influenciado pelos mesmos a quanto da atribuição do significado a sua satisfação sexual o que mostra que a mesma está informada sobre o assunto e não só, toma em conta também a sua experiência, o seu meio social como mulher casada para o efeito.

Moscovici (1978) citado por Estevam et al. (s/d), debruça sobre esse ponto, ao apresentar os dois universos no qual as representações sociais são formados, que são o *universo consensual* que compreende as práticas interactivas quotidianas, onde as representações são produzidas espontaneamente dentro de um grupo ou colectividade e o *universo rectificado* que se manifestam saberes científicos, objectividade e rigor lógico-metodológico e ambos os universos se inter-relacionam. A entrevistada supracitada inter-relaciona os dois universos a quanto da formação do significado da satisfação sexual, pois pauta por descrever em suas palavras o que a satisfação sexual significa para ela como mulher e tem como base estudos científicos sobre o assunto, desse modo, formando o seu o significado da satisfação sexual.

4.2.5. Satisfação sexual como meio de fortalecimento da auto-estima

A satisfação sexual para as mulheres sempre foi um dilema, pois nem sempre teve o direito de a sentir em cumprimento de seu papel social de esposa e mulher. Entretanto, de acordo com Joffe e

Levie-Ajayi (2009), as mulheres representam o orgasmo como símbolo da feminilidade e a incapacidade de senti-lo é visto como um modo de inferioridade. Nesse caso, não distante do autor, a satisfação sexual foi olhada pelas entrevistadas, numa vertente que transmite o sentimento de bem-estar, de contentamento pessoal, apontando que estar satisfeita para elas eleva a auto-estima e acrescentam sentimentos de realização e confiança com elas mesmas.

Como mulher é importante estar satisfeita sexualmente porque de um certo modo isso me deixa confiante em relação a mim e ao meu parceiro, (E:4, 23 anos).

O significado de estar satisfeita sexualmente para mim como pessoa é que aquilo me eleva a autoestima, aquilo é ótimo, me deixa animada, (E:5, 24 anos).

Como mulher a satisfação sexual aumenta a minha autoestima, (E:11, 26 anos).

Como mulher me sinto realizada quando me satisfaço, isso porque naquele momento não quero mais nada além de estar ali e aproveitar o que estou a sentir, (E:13, 24 anos).

De acordo com os depoimentos acima, as entrevistadas olham para a satisfação numa vertente pessoal, pois não a classificam tendo em conta os seus parceiros, elas pensam numa perspectiva autónoma, as mesmas buscam tirar proveito da relação para elas mesmas, percebendo-se que as mulheres não se encontram incrustadas nas doutrinas que alegam que a mulher deve, primeiramente, pensar no seu parceiro com vista a satisfazê-lo, como alega Silveira (2019) que as mulheres eram estigmatizadas com o intuito de satisfazer seu parceiro física e psicologicamente colocando suas vontades aprisionadas.

No pensamento de Moscovici (2004) citado por Costa e Fernandes (2012), as representações sociais referem um processo de transformação das palavras em objectos, e, para que esses se tornem reais, é necessário que este objecto tenha um significado para o sujeito que o representa. Associando esses processos de ancoragem que é a atribuição de um nome ao objecto para que o mesmo seja familiar e a objectivação que é a atribuição de um significado ao mesmo.

Percebe-se que, ao se falar das representações sociais, fala-se de um processo sociocognitivo que une o sujeito, o objecto e a realidade circundante através das experiências comuns. As representações sociais das mulheres em torno da satisfação sexual é voltada para o significado que elas dão, tendo em conta suas experiências, desse modo, os seus conhecimentos em volta do

assunto, não são construídos no vazio, mas tendo em conta o ambiente em que as mesmas vivem, eis que, houve diversificação na construção das representações sociais da satisfação sexual entre as nossas entrevistadas.

4.3. Influência da Satisfação sexual da mulher na vida conjugal

Tendo em conta que as representações sociais influenciam nas atitudes e comportamentos dos sujeitos, após a categorização e atribuição de significado da satisfação sexual, neste ponto, primeiramente, achamos importante apresentar o depoimento das mulheres em relação ao papel do homem e da mulher na relação sexual para posteriormente, fazer uma ponte com a influência da satisfação sexual na vida conjugal.

4.3.1. Satisfação mútua e Fortalecimento da relação conjugal

Os homens policiavam a sexualidade da mulher, proibindo-as de colocar a sua sexualidade no centro das suas vidas, em detrimento das responsabilidades sociais pré-estabelecidas, (Wolf, 1991 citado por Souza, 2019), entretanto, o jogo mudou pois a mulher vive a sua vida sexual com mais liberdade e em consequência disso também atribui papel ao seu parceiro na relação sexual, as entrevistadas em unanimidade alegam que um tem o papel de satisfazer o outro.

Para mim na relação não existem papéis definidos, mas ambos devem saber que devem satisfazer um ao outro, conversamos e entramos em consenso sobre o que vamos fazer e o que não vamos, claro que cada um pode apimentar de surpresa, mas o maior papel é a satisfação de ambos , orgasmo todos queremos porque esse devia ser o êxtase da relação neh?, (E:2, 22 anos).

A entrevista aponta não haver papéis definidos na relação sexual, entretanto, na sua explanação mostrou uma contradição durante a sua fala, pois diz que cada um tem o papel de satisfazer o outro.

Papel dos dois é estar em sintonia mutuamente, dedicar-se a conhecer o seu parceiro, saber como lhe deixar mais confortável e a vontade, (E:7, 25 anos).

O homem tem o papel fundamental no processo que é entender o corpo da esposa e procurar satisfazê-la e não ser egoísta, a mulher também deve estar lá para o seu parceiro, (E:10, 23 anos).

O homem assim como a mulher tem o mesmo papel na relação sexual. O homem tem o papel de deixar a mulher satisfeita sexualmente e a mulher por sua vez, tem o mesmo papel, fazer o homem sentir-se satisfeito sexualmente, apesar de dizerem que nós mulheres levamos mais tempo e nesse assunto somos mais sensíveis e não é assim tão fácil, precisamos de muito carinho, muito muito amor para poder chegar a satisfação, mas para mim o papel do homem e da mulher é o mesmo, garantir a satisfação sexual do seu parceiro, (E:14, 23 anos).

Eu penso que assim como a mulher, o homem tem o papel de satisfazer a sua mulher, ambos devem colaborar para o bem-estar do outro, (E:15, 21anos).

Nos depoimentos apresentados, pudemos verificar que as entrevistadas entraram em convergência ao apresentarem a satisfação mútua como o papel do casal na relação. A (E:10, 23 anos) acrescenta que o homem tem também o papel de entender o corpo da sua parceira, para posteriormente, satisfazê-lo, em acordo, (E:14, 23 anos) acrescenta que as mulheres são mais sensíveis e precisam de mais carinho e amor para chegar lá em relação ao homem. As entrevistadas entraram mais uma vez em concordância com os estudos feitos por Kobayashi e Reis (2015), pois os autores alegam que as mulheres acreditam ser responsabilidade do homem satisfazê-las do mesmo modo que, é o papel dela garantir o mesmo ao seu parceiro.

Num outro ponto, indo directamente as influências da satisfação sexual na relação conjugal, as entrevistadas alegam que o modo como vivem a vida sexual influencia na relação à dois, pois segundo elas, a satisfação sexual fortalece a união do casal, aumentando a intimidade do casal. Tendo em conta os papéis do homem e da mulher na relação sexual apresentados por nossas entrevistadas, nesse ponto, analisamos as influências da satisfação sexual na relação conjugal. As entrevistadas alegaram que a relação sexual influencia positivamente na relação conjugal, pois une mais o casal num ambiente saudável e fortalece a união de ambos, em depoimento:

Influencia e muito. Porque relação sexual faz parte dos elementos que mantem saudável a vida à dois, não tenho razão para procurar outra pessoa, para trair nesse caso, porque

me sinto completa, satisfeita e realizada, e se assim fizesse, não seria falta/ insuficiência, mas sim por noda ou tendência actual, diferentemente de quem trai por falta de algo igual, (E:1, 36 anos).

A entrevistada acrescenta que a relação sexual tem um valor vital na relação porque mantém os dois saudáveis, e alega que por se sentir bem com a vida sexual que leva com o seu parceiro, não sente necessidade de ter relações extraconjugais. Silveira (2019) no seu estudo sobre a representação da sexualidade feminina aponta que as mulheres, no casamento não se sentiam satisfeitas com o seu parceiro devido a imposição do papel de o satisfazer o primordialmente, optavam pela fuga ao sexo ou a busca de relações extraconjugais, desse modo entende-se que a satisfação sexual ou o modo como vivem a relação conjugal influencia pelo menos por parte da mulher na prática das relações extraconjugais.

Sim, porque ficamos muito mais unidos, quando um não está por perto, sentimos falta um do outro, (E:5, 23 anos).

Eu diria que sim! Porque o sexo ajuda muito a fortalecer a relação do casal, diz muito sobre os dois, (E:8, 23 anos).

Sim e muito, porque o sexo também faz parte da relação e fortalece a nossa união, (E:10, 23 anos).

A satisfação sexual é concebida como um elo que mantém a relação conjugal saudável, pois segundo as entrevistadas supracitadas, diz muito sobre os dois como um casal, pois cria vontade de estar com o seu parceiro. Nesse ponto, a satisfação sexual é olhada numa vertente que fortalece a união do casal e a falta dela pode ser motivo para a busca de relações extraconjugais.

4.3.2. Satisfação sexual “um reforço” da intimidade do casal

A relação sexual é o momento de privacidade do casal, onde um tem o outro, mas antes era mantida com o intuito de procriar e posteriormente para obter prazer também. Nesse âmbito, a satisfação sexual foi olhada numa vertente que influencia na intimidade com o seu parceiro, as entrevistadas alegam que a satisfação sexual aumenta a intimidade do casal e que a falta de uma relação sexual satisfatória cria um mal estar entre o casal, em depoimento:

Influencia sim, porque é algo que envolve nossa intimidade as quatro paredes se sairmos zangados de lá, praticamente vamos nos olhar mal o dia inteiro, meu rosto mostra quando estou zangada e não é bom porque cria um clima pesado, tem vezes em ser só namorada e não viver com ele, só para ter aquele fogo e vibrar no chapa, porque hiii, não é fácil rir depois de ver outro aliviar e você não, (E:2, 22anos).

Eu acho que o modo como vivemos a nossa vida sexual influencia na nossa relação porque primeiro se não tivermos uma vida sexual muito activa, se calhar nem seja esse o termo, mas se nós nos distanciarmos sexualmente, acredito que nossa relação vai ficar meio que assim, muito fria porque okay que não é o sexo que faz o casamento, mas ele completa, ele cria intimidade, então se eu não tenho intimidade com o meu parceiro, naturalmente que fora de quatro paredes, as coisas não vão fluir, não vão andar bem, eu acho que isso, (E:14, 23 anos).

Indo ao encontro dos depoimentos das nossas entrevistadas, é possível verificar que a satisfação sexual influencia na relação conjugal, pois intensifica a intimidade com o parceiro, e as (E:2, 22 anos) e (E:14, 23 anos), alegam que as relações sexuais sem satisfação sexual influenciam negativamente na relação conjugal, uma vez que a forma de tratamento entre ambos muda, como dito pela (E:14, 23 anos) “*a relação vai ficar meio que assim, muito fria...*” e isso prejudica na vida á dois. As nossas entrevistadas primeiramente pautaram por dizer que na relação sexual o homem, assim como a mulher tem o papel de se satisfazerem e com isso explanaram que a relação sexual influencia na relação conjugal, uma vez que as mulheres criam expectativas em torno da prática sexual e quando a expectativa não é alcançada, cria-se um mal-estar entre eles.

Tendo em conta os pressupostos teóricos, as representações que se formam na sociedade têm repercussões directas em seu comportamento, atitudes e modos de agir, pois formam estruturas individuais de conhecimento que informam e orientam os membros de um grupo social, em determinado tempo e espaço, (Moscovici, 2003 citado por Estevam et al s/d: 27). Podemos perceber que a forma como concebem a prática sexual ou seja a satisfação na relação sexual, influencia no modo como irão viver a vida conjugal, pois as mulheres são pautadas de formas de pensar diferentes que irão estruturar a sua relação conjugal.

4.4. Satisfação sexual entre mulheres casadas como forma de emponderamento sexual

Em sequência, discutiremos a satisfação sexual, numa vertente em que a mesma possa ser olhada como o mecanismo ou uma forma de emponderamento sexual para a mulher casada. Tendo em conta que na revisão de literatura, as mulheres eram inibidas de sentir prazer, pois tinham que proporcioná-la ao seu parceiro e também porque satisfação sexual era visto como algo indecente e pecaminosa para as mulheres casadas uma vez devia ser submissa ao seu parceiro. Desse modo, o emponderamento sexual é olhado tendo em conta os seguintes aspectos: a abertura para falar da vida sexual, a iniciativa para o início das relações sexuais, a reivindicação da satisfação sexual e a negação do contacto sexual indesejado.

4.4.1. A voz feminina entre quatro paredes

Falar da vida sexual nem sempre foi possível para a mulher uma vez que era um acto não bem visto pelo seu parceiro e pela sociedade em cumprimento dos papéis sociais impostos a mesma. “A voz feminina entre quatro paredes” vem ilustrar que as mulheres se expõem aos seus parceiros nos assuntos relativos à vida sexual, pois mudaram seu comportamento, ganharam voz, resultado das manifestações dos movimentos de igualdade entre homens e mulheres, movimentos feministas. As entrevistadas afirmaram que falam com os seus parceiros em torno da vida sexual abertamente, de forma mais natural possível.

Falamos de um modo frequente, sempre tentando apimentar o acto sexual, (E:4, 23 anos).

Falamos abertamente, ele diz-me o que gosta que eu faça e até mesmo do que ele não gosta e vice-versa, (E:6, 25 anos).

A maioria das vezes, depois do sexo ou quando estamos na cama, acho que são os melhores momentos para mim porque estamos mais conectados, (E:8, 23 anos).

Eu tenho falado da minha vida sexual com o meu parceiro de forma mais natural possível, sempre que há algo que não se enquadra, sempre que me apetece, sempre que há algo que pretendo fazer, da forma mais natural possível, principalmente quando estamos para manter relações sexuais, eu aproveito desse momento para falar de algum desejo, (E:14, 23 anos).

As entrevistadas (E:8, 23 anos) e a (E:14, 23 anos) escolhem momentos oportunos para se expressarem em torno da sua vida sexual e para isso, optavam por momentos anteriores ou posteriores a relação sexual, pois segundo elas, são os momentos que estão mais conectados ou apropriados para expor algum desejo. Nesse aspecto, as entrevistadas entram em desacordo com os resultados trazidos por Garcia (2007), em sua abordagem, pois aponta que as mulheres indicavam que elas tinham dificuldades em se comunicar sobre a sua vida sexual, na medida que internalizavam os preconceitos de “boa moça” que incluem papéis sexuais reconhecidos na cultura. As entrevistadas mostram-se livres para falar da sua vida sexual sem sentir a pressão de nenhum papel social ou cultural imposto a ela na sua vida ou relação conjugal.

Hummm, nem falamos só praticamos sempre que nos dá vontade, (E:7, 26 anos).

Não falamos muito, porque eu até posso chegar para ele e dizer algo sobre isso, então ele haaaa vamos resolver, então é um pouco limitado, (E:2, 22 anos).

Não falamos de relações sexuais aqui em casa, só fazemos (risos), (E:3, 21 anos).

As mulheres dizem falar com frequência de forma mais natural possível sobre sua vida sexual, se expõem nas relações sexuais, pois buscam melhorá-la cada vez mais. Dentro do mesmo grupo, existem as mulheres que não falam sobre sua vida sexual, pautando apenas por manter relações sexuais sempre que há vontade no casal e isso transmite a ideia de que a decisão é tomada pelo casal. A (E:2, 22 anos) explica que ela não fala muito porque o seu parceiro limita o assunto, não mostra disponibilidade de falar.

Tendo em conta o segundo grupo das nossas entrevistadas, as que não falam da sua vida sexual, mas só mantêm relações sexuais quando lhes dá vontade, as entrevistadas não se mostraram passivas em relação a sua vida sexual, pois não aceitam o que vai acontecendo durante a relação, pois afirmam que “ só fazem quando sentem vontade”, ou seja, acção de duas pessoas em acordo, entretanto, de acordo com os outros depoimentos não se pode afirmar que todas as relações sexuais eram mantidas quando os dois estivessem em consenso.

A falta de disponibilidade para falar da vida sexual, apresentada pelo parceiro da (E:2, 22 anos), mostra que diferente do que nos foi apresentado pelo autor (Garcia, 2007), o homem também não se sente livre ou aberto para falar de assuntos relativos a sexualidade diferentemente também do

que é apresentado por Russo (2019), que alega as mulheres é que não tem iniciativa para se expor em torno do assunto.

4.4.2. A iniciativa feminina para o acto sexual

A iniciativa para o início da relação sexual anteriormente era tomada somente pelo homem, entretanto, actualmente, as mulheres já têm poder para iniciar o clímax, o que não se apresentou de forma diferente nas nossas entrevistadas, pois alegaram de forma unânime que tomam iniciativa para o início da relação sexual. Elas, iniciam beijando no seu parceiro, passando a mão na parte íntima dele, tirando a roupa e falando o que lhes apetece como formas de estimular o parceiro para o início da relação sexual.

...Por exemplo, aproximo a ele, crio um clima romântico (caricias, beijo-o), vou tocando na região íntima ele também corresponde, só da forma que olho e toco, ele percebe a diferença, (E:1, 36 anos).

Podemos estar perto da hora de dormir e eu começar a lhe roçar roçar, homem não demora pneh! Logo vai subir (risos), por vezes durmo mesmo sem roupa, o que não é o meu normal e ele logo nota e quando estou inspirada chego e pahn “babe vamos ao quarto, quero te fazer ver umas coisas”, (E:2, 22 anos).

... Lhe pego, lhe beijo, lhe chupo, coloco as mãos dele nos meus seios, (E:5, 24 anos).

... Tenho tomado iniciativa, beijando a boca dele, passando a mão na parte íntima, (E:4, 23 anos).

... Tiro a roupa e lhe chamo para o quarto, beijo profundo e ele logo sabe que essa quer... as vezes lhe surpreendo e já estou em baixo dele, (E:8, 23 anos).

... Falo para ele o que me apetece, as vezes faço um carinho e depois acontece, (E:14, 23 anos).

Nesta vertente é perceptível que as nossas entrevistadas tomam iniciativas tendo em conta diferentes formas para o início da relação sexual, as mulheres mostram que não dependem dos homens para a abordagem sexual o que é discutido na revisão de literatura, de uma outra vertente, em que a mulher é passiva ao seu parceiro, deixando que ele inicie e tome conta de todo o clímax.

As mulheres tornaram-se mais autónomas, buscando satisfazer também o seu desejo sexual através do estímulo ao seu parceiro, dominando os pontos por elas considerados fortes no corpo do parceiro para o efeito, sendo elas detentoras do poder para o início da relação sexual também, o que antes era feito somente pelo homem.

Antes, de acordo com Lima (2010), as mulheres que estivessem em matrimónio, não deviam expressar o seu desejo sexual, pois era visto de forma indecente ou algo pecaminoso pelos homens, e desse modo não era mulher para casar. Essa perspectiva entra em total divergência com a situação vivida por nossas entrevistadas, pois elas são casadas e expressam os seus anseios no fórum sexual e os seus parceiros entendem, pois conseguem interpretar seus gestos, ou atitudes (beijos profundos, tirar a roupa, etc.), sem que as mesmas por vezes expressassem uma única palavra para o início da relação sexual, e não olham de forma indecente como previsto anteriormente.

Tendo em conta o quadro teórico, as representações sociais não são um modo de pensar independente, elas nos são impostas com a socialização, mas resta ao sujeito repensar, recitar e rerepresentar esses fenómenos, (Moscovici, 2004 citado por Costa e Fernandes, 2012), anteriormente o homem era quem iniciava a abordagem para o início para relação, restando a mulher ser submissa ao seu parceiro de modo que o satisfizesse, eram abordagens apreendidas através dos processos de socialização, coube as mulheres com o passar do tempo, repensar a situação por elas vivida de modo que as fizesse sair do contexto de dominação totalmente masculina para que pudessem viver de forma mais livre a sua vida sexual, nesse contexto, elas começaram a ganhar autonomia para viver livremente a sua vida sexual, começando desse modo o clímax para o início da relação sexual.

4.4.3. Reivindicação da satisfação no acto sexual

Nesse ponto, olhamos para a questão da insatisfação sexual durante a relação e a atitude delas nesse processo. Percebemos que as mulheres reivindicam a satisfação sexual, pautando-se de estratégias para o efeito. Elas apontaram elementos como a zanga, o estímulo ao seu parceiro, a conversa como meio de fazer perceber aos seus parceiros que não foram satisfeitas sexualmente. Importa elucidar que nenhuma das entrevistadas foi passiva em relação a esse assunto, as

entrevistadas mostram-se zangadas quando não satisfeitas sexualmente, desse modo as entrevistadas disseram:

Estou a zangar, amarrar a cara mesmo. Depois o gajo percebe, mas aquele ali Haaa não muda, (E:2, 22 anos).

Eu lhe digo e mostro cara feia, fico com a expressão facial amarrada mesmo, (E:3, 21 anos).

As entrevistadas usam a zanga como forma de reivindicar a satisfação sexual no acto sexual, pois uma vez não satisfeitas, elas optam por mostrar ao seu parceiro por meio da mudança de comportamento que não foram felizes durante o acto para que posteriormente prossigam com vista a mudar a situação.

Num outro ponto, as mulheres procuram reestimar o seu parceiro de modo que ele tenha desejo de praticar a relação sexual, por meio de toques, cariciais e beijos para que o mesmo possa satisfazer a ela, pautando por pensar também no seu bem estar, em depoimento:

Quando não estou satisfeita sexualmente, eu lhe estímulo a continuarmos, porque as vezes o homem precisa de um estímulo que venha da nossa parte, (E:8, 23 anos).

Quando não estou satisfeita sexualmente, eu fico nua e deixo ele relaxar e lhe excito novamente... conversamos muito e ele tenta retardar a satisfação dele, tenta não ejacular, (E:4, 23 anos).

Demonstro pela forma como vou me comportar, lhe fazendo perceber que quero mais, lhe dou mais carinho para que ele se reestabeleça para que possamos continuar, (E:6, 25 anos)

Quando não estou satisfeita sexualmente eu falo para ele e se não der no momento para tentar fazer com que eu saia satisfeita ajeitamos um outro momento para ambos nos satisfazermos, (E:14, 23 anos).

Nesse ponto, as entrevistadas agem com vista a estimular o parceiro para que o mesmo fique apto para que a relação sexual possa prosseguir com vista a satisfazer as suas necessidades. As mulheres tomam posse da relação uma vez que buscam alcançar seus próprios objectivos na

prática sexual. O facto das mulheres exporem-se em relação a não se sentirem satisfeitas, contradiz os estudos anteriormente apresentados, que afirmam que a mesma é um ser passivo a quanto da relação sexual com os seus parceiros com vista a agradá-los.

De acordo com o conceito por nós apresentado, há uma tomada de consciência por parte das mulheres sobre sua vida sexual de modo que influencie nas suas atitudes e comportamentos relativos à vida sexual, do mesmo jeito que, as representações sociais formam estruturas individuais que influenciam nas atitudes dos indivíduos a quanto da concepção do objecto (Moscovici, 2003 citado por Estevam et al. s/d), as mulheres na busca pela satisfação sexual, tomam atitudes que irão influenciar para o alcance da mesma.

4.4.4. Negação das relações sexuais indesejadas

Nesse ponto, importa elucidar que as mulheres não podiam opinar sobre quando, quantas vezes mantiveram relações sexuais sem vontade, entretanto, algumas mulheres ganharam poder sobre sua sexualidade o que as possibilitou ganhar autonomia para decidir sobre prática das relações sexuais. O empoderamento sexual foi crescendo e tornando-se normativo através das constantes actualizações de leis no que toca ao assédio e violência sexual tanto no trabalho como na vida privada e a crescente discussão em torno da importância do consentimento sexual, que são resultados das afirmações sociais dos movimentos feministas, (Souza, 2019).

Nesses moldes, as entrevistadas alegaram que conversam com o parceiro de modo que os façam perceber que não estão aptas para manter relações sexuais, elas também optam por negar de forma directas o contacto sexual indesejado.

Converso com ele e ele faz o mesmo quando não está com vontade. Os dias são diferentes, isto é, há dias que não dá mesmo e quando é assim ele entende, o importante é ter um bom modo de fazer chegar a informação, embora existam dias em que a pessoa não está no ritmo, mas depois entra na onda, (E:1, 36 anos).

As vezes falo para ele que não me apetece, as vezes arranjo uma desculpa, ora porque trabalho da faculdade, ora por causa da criança, as vezes ele é insistente, poucas vezes ele fica na boa, as vezes ele é muito insistente para termos relações sexuais, (E:14, 23 anos).

As entrevistadas mostraram que não são passivas ao contacto sexual indesejado, pois os depoimentos acima ilustram que elas expõem a sua indisposição para manter relações sexuais com os seus parceiros, mostrando que são abertas em torno do assunto, entretanto, o facto de não estarem motivadas a ter relações sexuais, não dita que, posteriormente, a mesma não vá manter relações sexuais com o seu parceiro, pois como afirma a (E:1, 36 anos) “*a pessoa não está no ritmo, mas acaba entrando na onda*”, desse modo não alegando que se tenha mantido a relação sexual sem o consentimento da mesma. Do mesmo modo acontece com a (E:14, 23 anos) em que o seu parceiro se mostra insistente, mas a mesma nalguns momentos, se vale de estratégias para que não possa manter o contacto sexual indesejado.

As entrevistadas também alegam que negam manter relações sexuais sem vontade para o efeito, dizendo aos seus parceiros que não estão dispostas, em depoimento:

Digo que não quero, mesmo ele me tocar, só fico a lhe olhar sem reacção, (E:2, 22 anos).

Quando não estou disposta não faço, mas satisfaço a ele porque sexo é parceria, faço isso através do broxe, (E:8, 23 anos).

Lhe digo que não dá quando não estou com vontade de fazer sexo com ele, as vezes não há animo nenhum, (E:9, 27 anos).

As entrevistadas expressam-se livremente de forma que as possibilite negar o contacto sexual indesejado, mesmo que o seu parceiro se mostre apto para o efeito. Entretanto, no caso da (E:8, 23 anos), a mesma olha a relação sexual como parceria, pois quando não está disposta a ter relações sexuais não faz, entretanto, sente a necessidade de satisfazer o parceiro através do sexo oral. A entrevistada mostra que cumpre com o seu papel a quanto da relação sexual, que é de satisfazer o seu parceiro, descrito anteriormente.

De uma forma geral, as entrevistadas usam-se de mecanismos que lhes favorecem para não praticar relações sexuais sem vontade. Em suma, as entrevistadas fazem o que está ao seu alcance com vista a viver de forma livre sua vida sexual mesmo tendo que satisfazer o seu parceiro. A formação de uma representação enquanto organização de conhecimento implica uma acção ao mesmo tempo individual e colectiva, em que os indivíduos apropriam-se e reorganizam os modos de pensamento e as representações consolidam-se subjectivamente, passando então, a

compor suas interpretações do mundo, de si mesmo e influenciando em suas praticas quotidianas, (Costa e Fernandes, 2012).

As representações sociais da satisfação sexual apresentadas por nossas entrevistadas, as influenciam no modo como desfrutam a vida conjugal, pois as mesmas atribuem um papel ao seu parceiro na relação, que é de a satisfazer também. As mulheres mudaram seu comportamento passivo em torno da relação sexual, pois através dos movimentos de igualdade entre homens e mulheres, foram influenciadas a tomar iniciativa para o início da relação sexual o que a permite falar abertamente sobre a sua sexualidade e negar contacto sexual indesejado, ou seja, a forma como a mulher interpreta a satisfação sexual, a influencia nas suas atitudes e comportamento na relação sexual e vida conjugal.

Tendo em conta o conceito por nós apresentado, a satisfação sexual pode ser entendida como uma forma de empoderamento sexual na medida que a mulher de forma livre se expressa em torno da relação sexual, de modo a criar expectativas em volta da mesma, que faça com que ela mantenha apenas relações sexuais desejadas.

As entrevistadas se expressavam de forma livre em torno da relação sexual, da sua satisfação sexual o que influenciou na tomada de atitude para o início da relação, de modo que buscassem se satisfazer e, por fim, negar um contacto sexual indesejado. A representações sociais influenciam no comportamento dos indivíduos, na medida que a mesma é pautada de significado para os mesmos, pois tem em conta o seu contexto social na formação do seu conhecimento prático.

Gilbert e Roche (1987) citado por Souza (2019), afirmam que as conquistas do empoderamento sexual, aplicam-se maioritariamente a países ocidentais em que as mulheres têm possibilidade de viver a sua vida sexual tanto quanto queiram: de explorar a sua sexualidade livres das injustiças sociais, de perceber as vertentes do seu complexo desejo erótico, de se expressar, de fazer perguntas, de descobrir respostas, mas que continuam condicionadas pela evolução da sociedade patriarcal como conhecemos.

Entretanto, importa referir que nem todas as mulheres são empoderadas sexualmente de modo que as permita falar abertamente sobre sua vida sexual ou negar o contacto sexual indesejado de forma frontal, pois acabam pautando-se de estratégias para que não possam manter relações

sexuais indesejadas, como é o caso da (E:14, 23 anos) que arranja desculpas para que não se materialize, “ *as vezes arranjo desculpas, ora porque trabalho da faculdade, ora por causa da criança...*”, a (E:12, 26 anos) em depoimento alega “ *durmo cedo quando não estou co vontade, ele assim não tem como me atrapalhar*”.

As estratégias são diferentes das apresentadas por Mossuz-Lavau (2005), que diz que as mulheres optavam por colocar pensos menstruais em períodos não menstruais para que o seu parceiro pensasse que não se encontram aptas a manter relações sexuais. Importa referir que as representações sociais não são formas de pensar independentes de pensar, elas são impostas pela socialização, restando ao sujeito repensar, recitar e rerepresentar, (Moscovici, 2004 citado por Costa e Fernandes 2012). Entretanto, as entrevistadas encontram-se incrustadas nos seus papéis sociais, no cumprimento dos mesmos que não se expressam de forma directas ao seu parceiro negando o contacto sexual indesejado.

Em suma, nesse subcapítulo que foi discutida a satisfação sexual da mulher casada como forma de emponderamento em que pautamos primeiramente por mostrar que as mulheres se expõem abertamente em torno da sua vida sexual com o seu parceiro, entretanto, no mesmo grupo existem as que optam por não falar, mas praticar as relações sexuais e por último nesse aspecto, foi percebido que o homem também não tem abertura para falar da vida sexual da sua parceira.

No ponto seguinte, constatamos que todas as entrevistadas têm tomado iniciativa para o início da relação sexual, usando-se de várias formas e estratégias para o efeito onde cada uma delas pautava por fazer o que a deixasse a vontade. Posteriormente, olhamos para o que as entrevistadas fazem quando não estão satisfeitas sexualmente, onde optam por elucidar os seus parceiros por via da conversa ou através da prática sexual repetida ou seja, as entrevistas buscam reivindicar os recursos que as possibilitem se satisfazer também.

E por último, procuramos saber das entrevistadas o que fazem quando não estão dispostas a manter relações sexuais e nesse ponto verificou-se que para além de falarem abertamente com os seus parceiros sobre o facto, elas valem-se de estratégias para que a sua vontade se materialize, por mais que o seu parceiro insista. Nesse mesmo ponto, pelo motivo de ser considerado o sexo como uma parceria, por mais que a entrevistada não esteja apta para manter contacto sexual com o seu parceiro, a mesma não deixa de satisfazer a ele.

5. Considerações Finais

A pesquisa em questão, foi realizada em Maputo, tendo como participantes mulheres de vários pontos, desde que elas obedecessem os critérios de seleção por nós desenhado. Tendo como objectivo geral compreender a satisfação sexual entre mulheres casadas como forma de empoderamento sexual, seguindo da seguinte pergunta de partida: *Até que ponto a satisfação sexual representa o emponderamento sexual entre as mulheres casadas?*

O nosso argumento principal é a de que a satisfação sexual para as mulheres casadas apresenta-se como sendo um modo de afirmação do emponderamento sexual face aos papéis sociais que são atribuídos a ela no contexto de dominação masculina. Partimos da ideia de que as mulheres, actualmente, vão ganhando mais voz em torno da satisfação sexual, da sua vida sexual.

Em termos teóricos, usamos a *Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici* que defende que as representações sociais por serem conhecimentos práticos que se desenvolvem nas relações do senso comum, elas são formadas pelo conjunto de ideias da vida quotidiana construída nas relações estabelecidas entre sujeitos, ou através de interações grupais e têm repercussões directas no comportamento dos indivíduos, nas atitudes e nos modos de agir, pois formam estruturas individuais de conhecimento que informam e orientam os membros de um grupo social, em determinado tempo e espaço, (Moscovici, 2003: 53-54 citado por Estevam et al s/d).

Com os dados analisados, foi nos possível concluir que as entrevistadas concebem a satisfação sexual de diferentes formas: como o prazer que sentem durante a relação conjugal; como atingir o orgasmo, em que o mesmo foi classificado como o fim último da relação sexual; como o “bem-estar” que se sente durante a relação sexual como fortalecimento da relação e da auto-estima, complementado com os outros elementos como a protecção, a segurança e a confiança; como meio de fortalecimento da relação sexual e como meio de elevação da auto-estima da mulher.

Tendo em conta as influências da satisfação sexual para a vida conjugal, foi nos possível concluir também que as entrevistadas alegam que a mulher e o homem têm o papel de satisfazer um ao outro a quanto da relação conjugal e desse modo ela atribui também a responsabilidade ao parceiro de satisfazê-la. Nos mesmos moldes, as entrevistadas afirmam que o modo como desfrutam a vida sexual influencia na relação conjugal na medida que diz muito sobre ambos e

que uma relação sexual mal sucedida, por parte da mulher ou mesmo do casal, cria um clima desagradável entre ambos.

E no último ponto que olha para a satisfação sexual da mulher casada como forma de emponderamento, pudemos verificar que as mulheres se expressam em torno da vida sexual com os seus parceiros de modo aberto através da conversa, optando por escolher nalguns casos o momento em que estão em clima para manter as relações sexuais, diferente do que foi exposto na revisão da literatura que alega que as mesmas não se expõem sobre o assunto por medo do estigma.

No que diz respeito a tomada de iniciativa por parte das entrevistas, elas têm iniciado sim o clímax para a relação sexual e o fazem tendo em conta o que lhes deixam mais confortáveis em implementar e, ainda, quando não estão satisfeitas sexualmente, bem como quando não estão dispostas a manter relações, as entrevistadas informam aos seus parceiros com palavras ou por meio de acções, de modo que eles fiquem cientes.

Por um lado, quando não estão dispostas a ter relações sexuais, elas falam abertamente aos parceiros, ou optam em criar estratégias de modo que a sua vontade de querer se abster da relação sexual naquele momento prevaleça, mesmo que em alguns casos, após o estímulo do seu parceiro, algumas acabam cedendo.

Tendo em conta a teoria por nós usada e baseando-se no conceito de emponderamento sexual pautado no trabalho que diz que emponderamento sexual é entendido como o controle da vida sexual por parte das mulheres que as permita falar abertamente sobre a sua sexualidade com o seu parceiro de modo que as faça ter iniciativa na relação sexual de maneira que as faça recusar o contacto sexual indesejado e as possibilite criar expectativas relacionadas a sua satisfação sexual.

Pode afirmar-se a satisfação sexual é um forma de empoderamento sexual na medida que, as mulheres por terem autonomia expõem-se livremente sobre a sua vida sexual, tomando iniciativas para o início da relação sexual e por pautarem por não aceitar contacto sexual indesejado, por meio da fala ou usando-se de estratégias e ainda por buscarem ter a satisfação sexual nas suas relações sexuais.

Desse modo, a busca pela satisfação sexual, é que faz com que as mulheres sejam ou se tornem empoderadas sexualmente uma vez que as representações sociais sobre a satisfação sexual, as influenciam no comportamento e nas atitudes durante a prática sexual, o que faz com que elas se expressem de modo a expor seus desejos sexuais e a negação da prática sexual indesejada.

Todavia, outras mulheres ainda não têm tanta autonomia para o efeito, pois não expressam-se de forma livre em torno da sua vida sexual com o seu parceiro, optando apenas por manter relações sexuais, o que não dita que sejam sempre consentidas. Não há também abertura por parte de algumas delas para negar o contacto sexual indesejado de forma frontal, pois acabam pautando-se de estratégias para não relacionarem-se com os seus parceiros, percebendo-se que o sistema patriarcal ainda inibe a elas de ter autonomia para decidir de forma livre sobre quando ou não manter relações sexuais.

6. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Ivonete Alves de et al. (2013). *Representações Sociais da Vida Sexual de Mulheres no Climatério atendidas em Serviços Públicos de Saúde*. Texto Contexto, Florianópolis.

ARUDA, Maria V. S. et al. (2016). *Representações Sociais das Relações Sexuais: Um Estudo Transgeracional entre Mulheres*.

ÁVILA, Fernando Bastos (1972). *Pequeno enciclopédia de moral e Civismo*. 2. Ed. São Paulo, Brasil: Fename.

BERGER R., & KELLNER, E. (1964). *Marriage and the construction of reality*. Diógenes, 12, 1-24.

BRENELLI, Rosely P.; OSTI, Andreia e SILVEIRA, Cristina A. F. (s/d). *Representações Sociais- Aproximando Piaget e Moscovici*. Revista eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genética.

BRITO, Mayhara Picoli. (2019). *Satisfação Sexual Feminina na Contemporaneidade*. Faculdade de Educação e Meio Ambiente: Ariquemes- RO.

CASIQUE, Irene. (2018). *Apuesta por el empoderamiento adolescente: Conexiones con la salud sexual y reproductiva y la violencia en namoro*. Universidade Nacional Autônoma do México.

COSTA, Vanuzia; FERNANDES, Sheila C. S. (2012). *O que pensam os adolescentes sobre amor e sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais*. Universidade Federal de Sergipe e Universidade Federal de Alagoas. Psicologia e Sociedade: Brasil.

DELAMATER, J. (1991). *Emotions and sexuality*. In K. McKinney & S. Sprecher (Eds.), *Sexuality in close relationships*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

DEL PRIORE, Mary. (2004). *História das Mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto.

DIAS, José MD. B. SANTOS, Geovane T. D. S. (2015). *Teoria das Representações Sociais: Uma abordagem Sociopsicológica*. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAG.

ESTEVAM, Sebastião J. et al. (s/d). *Teoria das Representações Sociais*.

FILHO, Luiz M.D A. (s/d). *Amostragem*. Universidade Federal de Paraíba- Departamento de Estatística.

GARCIA, Olga R. Z. (2007). *Sexualidades Femininas e Prazer Sexual: Uma abordagem de gênero*. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis.

GILL, António Carlos (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6ª edição. Editora Atlas: São Paulo.

GRZYBOVSKI, Denize; MOZZATO, Anelise Rebelato (2011). *Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios*. Revista de Administração Contemporânea.

HAMPF, Helen M. (2015). *Fisiologia do orgasmo feminino*. Universidade Cândido Mende, Ponta Grossa.

JOFFE, August; LEVIE-AJAYA, Momed. (2009). *Representações Sociais do Orgasmo Feminino*.

KOBAYASHI, Cristini e REIS, Andreia. (2015). *A satisfação sexual de mulheres jovens considerando dois conceitos: excitação e orgasmo*.

LIMA, Rita (2010). *O imaginário Judaico-cristão: A Submissão das Mulheres*.

MCCLELLAND, Sara (2010). *What do you mean when you say you are sexually satisfied?* Feminism and Psychology.

MIALON, Hugo. (2012). *The Economics of Faking Ecstasy*. *Economic Inquiry*, v.50, nº1, p. 277–285.

MOSSUZ-LAVAU. (2005). *Sexualidade e Religião: O caso das mulheres muçulmanas na França*. CEVIPOF – Estudos Feministas: Centre de Recherches Politiques de Sciences Po, Florianópolis.

NHANCALE, Delúvia A.J. (2012). *Percepções das Adolescentes Acerca da Preservação da Virgindade: Influência dos Grupos pares*. Universidade Eduardo Mondlane-Departamento de Sociologia.

OLIVEIRA, Edicleia L. De; REZENDE, Jaqueline M.; GONÇALVES, Josiane P. (2008). *História da Sexualidade Feminina no Brasil: Entre Tabus, Mitos e Verdades*. vol. XXVI nº1. Revista Ártemis: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

PECHORRO, Pedro; DINIZ, António e VIEIRA, Rui (2009). *Validação de uma versão feminina do índice de satisfação sexual (ISS)*. Laboratório de Psicologia: Lisboa.

PETERSON, Zoe D. (2009). *What is sexual empowerment? A Multidimensional and Process-Oriented approach to Adolescent Girl's Sexual Empowerment*. Indiana University Bloomington.

PIRES, Ana Sofia Rodrigues. (2008). *Estudo da Conjugalidade e Parentalidade através da satisfação conjugal e da aliança parental*. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e ciências de Educação.

RICHARDSON, Roberto Jarry. (2008). *Pesquisas sociais: métodos e técnicas*. 3ª Edição, Editora Atlas: São Paulo.

RUSSO, Mariana Monteiro. (2019). *Liberdade Sexual e Sexualidade Feminina: Discurso x Prática*. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Comunicação: Rio de Janeiro.

SILVEIRA, Carolina A. (2019). *Entre o orgasmo ou a falta dele: A construção da sexualidade feminina nas obras de William Master, Virgínia Johnson e Shere Hite*. Pelotas.

SOUZA, Joana C. F. (2019). *Vender Empoderamento, Compartimentar Sexo: Um Estudo sobre o empoderamento feminino, em publicidade, nas mulheres portuguesas*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia: Escola de Comunicação, Arquitetura; Artes e Tecnologias de Informação. Lisboa.

TRIVINOS. A. N. (2006). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*. Editora Atlas: São Paulo.

VALDA, Maria. (2011). *Porque os homens e as mulheres são tão diferentes*. Editor Rio de janeiro: 2011.

VALOURA, Leila. (2016). *Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo emponderamento, em seu sentido transformador*. Northeastern University.

WAINBERG, Lina; STENERT, Fernanda e HUTZ, Cláudio S. (2012). *Panorama de pesquisa sobre satisfação sexual*.

ZIKAN, Idalina da Silva. (2005). *O Prazer Sexual Feminino na História Ocidental da Sexualidade Humana*. Universidade Cândido Mendes.

Anexos

Termo de Consentimento Informado

Eu _____, aceito participar voluntariamente da pesquisa com o tema, “Falo para ele o que me apetece” : Um estudo sobre a satisfação sexual como forma de empoderamento sexual, em Maputo, cujo objectivo é compreender as representações sociais das mulheres casadas como forma de empoderamento sexual.

Foi-me explicado que esta entrevista fará parte de um trabalho de final do curso de licenciatura em Sociologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, da Universidade Eduardo Mondlane. Estou a par de que as respostas por mim dadas serão usadas única e exclusivamente na pesquisa e que a minha identidade será reservada de modo que ninguém saiba quem foi que facultou os dados. Desse modo, responderei apenas as perguntas que me deixarem confortáveis para o efeito, usando-se de um gravador proposto pela pesquisadora, nos dias por mim delimitados.

(Assinatura da entrevistada)

(Assinatura da pesquisadora)

Maputo, aos ____ de _____ de 2021.

Guião de Entrevista

I. Perfil Socio-demográfico

1. Idade
2. Estado Cível
3. Nível Académico
4. Ocupação
5. Morada

II. Representações Sociais das mulheres casadas sobre sua satisfação sexual

7. O que entende por satisfação sexual?
8. Já se sentiu satisfeita sexualmente?
9. Qual é a importância de estar satisfeito sexualmente na relação sexual?
10. Qual é o significado de estar satisfeita sexualmente tem para si como mulher?

III. Influência da satisfação sexual da mulher casada na sua vida conjugal

11. Como é que classifica a vossa vida sexual?
12. Qual é o papel do homem e da mulher durante a relação sexual?
13. Acha que vocês têm cumprido com vosso papel de cônjuge a quanto da relação sexual?
14. O modo como vivem a vossa vida sexual influência na vossa relação à dois? Porque?

IV. Satisfação sexual das mulheres casadas como forma de emponderamento sexual

15. De que modo tem falado da sua vida sexual com o seu parceiro?
16. Com que frequência pratica relações sexuais com o seu parceiro?
17. Que tipo de expectativa cria em torno da prática da relação sexual?
18. Tem tomado iniciativa para o início da relação sexual? Se sim, como?
19. Costuma relatar ao seu parceiro os seus desejos sexuais? Ele age com vista a satisfazê-los?
20. O que faz quando não está satisfeita sexualmente com o seu marido?
21. O que faz quando não está disposta a manter relações sexuais?
22. Como o seu parceiro age quando não está disposta a manter relações sexuais?